

O Portador da Luz Para os buscadores da Verdade

# Lúci<sup>®</sup>fer

*Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo*

*Esoteric Teachings* volumes 11 e 12 por G. de Purucker

Os Portadores de Luz na nossa sociedade: Zaz

Tratando com a Natureza

Educação para a paz nas escolas: o que aprende-se na juventude permanece para toda a vida

Cosmopsyquismo

O valor da preciosa existência humana

O contexto esotérico do jardim de infância de Fröbel



## Editorial

p. 34

### ***Ensinamentos Esotéricos Volumes 11 e 12* por G. de Purucker**

p. 35

A minúcia e o nível de pormenor com que o tema da morte e a subsequente viagem da mónada através do Cosmos é discutido nestes dois últimos volumes dos *Esoteric Teachings* (*Ensinamentos Esotéricos*) não tem paralelo em qualquer outro lugar na literatura teosófica.

Erwin Bomas

### **Os Portadores de luz na nossa sociedade**

**Zaz**

p. 40

Os Portadores de Luz não se preocupam em saber se a sua contribuição para um mundo mais justo é grande ou pequena. O seu lema é: sê a mudança que queres ver no mundo. Tudo se resume a acções. A cantora Zaz é um exemplo brilhante disso.

Barend Voorham

### **Tratando com a Natureza**

**O exemplo dos Bishnois**

p. 42

Ainda não conseguimos resolver os nossos problemas ambientais. Faltam as bases para uma solução sustentável. Poderíamos inspirar-nos em povos próximos da natureza, como os Bishnois da Índia.

Barend Voorham

### **Educação para a paz nas escolas: o que aprende-se na juventude permanece para toda a vida**

p. 47

É encorajador o facto de já existir na prática muitos exemplos de educação para a paz. Mas a educação para a paz é agora frequentemente vista como opcional, como algo extra no currículo. Adoptando uma abordagem teosófica, construímos uma visão da educação para a paz integrada e destacamos exemplos. Quando a educação para a paz é integrada na educação, as crianças transformam-se em pacificadores.

Nico Ouwehand



Exemplo de material didático utilizado num jardim de infância de Fröbel.

### **Cosmopsyquismo**

p. 54

Alguns cientistas investigam a tese de que a consciência cósmica é a base da natureza. São pioneiros num campo de investigação em que poucos cientistas modernos entraram. Que ideias estão a desenvolver? E que pensamentos teosóficos podem complementar os seus pontos de vista?

Henk Bezemer

### **O valor da preciosa existência humana**

p. 59

A diferença entre a preciosa existência humana e a mera existência humana.

Manuel Pegado

### **O contexto esotérico do jardim de infância de Fröbel**

p. 60

A palavra jardim de infância e os chamados dons de Fröbel têm a sua origem em Friedrich Fröbel. Por vezes, fala-se deste pedagogo alemão de forma piedosa, como se o seu trabalho para os mais pequenos não fosse realmente sério. No entanto, é exatamente o contrário.

Bouke van den Noort

### **Perguntas & Respostas** p. 64

» A historicidade dos Mestres de Sabedoria, o nosso Mestre interior e como encontrar o nosso Mestre?



# Editorial

Nestes tempos conturbados, um mensageiro da luz é mais necessário do que nunca. *Lúcifer, o Portador da Luz*, está tentando brilhar uma luz clara, contra o pessimismo prevalecente na sociedade e mostrando o verdadeiro fundo da vida. Há Uma Vida que flui através de tudo. E se percebermos isso de alguma forma, isso não só nos dá uma grande paz de espírito, mas também irradia paz para os nossos semelhantes.

A ideia de que existe Uma Vida implica que, por detrás deste mundo exterior, existe uma força operante. Esta premissa faz-nos olhar para a vida de forma completamente diferente. O mundo exterior, o ser humano exterior, não é mais do que uma extensão dessa força que está por detrás dele. Isso significa que os seres humanos não são uma mera coincidência de um dia, mas são essencialmente consciência sem limites, encarnando-se, uma e outra vez, para crescer em consciência.

Nos volumes 11 e 12 dos *Ensinamentos Esotéricos* de Gottfried de Purucker, que tratam do processo de morrer e dos estados após a morte, isto é explicado em maior pormenor. Com a revisão destes dois volumes, concluímos a nossa série de revisões dos *Ensinamentos Esotéricos*.

Esta premissa também muda completamente a ideia de educação. Dois artigos abordam esta questão: um artigo sobre Fröbel mostra que, como este educador adoptou esta premissa espiritualista, o seu método de educação é muito inspirador para as crianças pequenas.

Além disso, incluímos um artigo sobre a educação para a paz. Nestes tempos de guerra, é da maior importância que se lance um contra-movimento mundial, mostrando que os métodos pacíficos, que todos podem aplicar, conduzem, em última análise, à paz mundial. Como é importante começar a ensinar isto às crianças e aos adolescentes!

É encorajador que também na ciência se esteja a procurar cautelosamente saber se esta ideia de consciência por detrás dos fenómenos oferece uma melhor solução para todo o tipo de questões. O artigo *Cosmopsyquismo* dá alguns exemplos de cientistas corajosos que se atrevem a seguir um caminho diferente.

Já agora, não é preciso ser um grande cientista para perceber que este mundo exterior é a vestimenta da força que está por detrás dele. Os Bishnois, um povo do norte da Índia, assumiram este facto durante séculos, conduzindo a uma sociedade harmoniosa e feliz.

A cantora francesa Zaz também mostra, à sua maneira, que os seres humanos são capazes de muito mais e que, se cada um cumprir o seu dever, somos capazes de grandes coisas. Ela é o nosso segundo exemplo na coluna “Os portadores de luz na sociedade”, iniciada na edição passada do *Lúcifer*.

Finalmente, na nossa secção de perguntas e respostas, abordamos a questão do Mestre exterior e interior.

Esperamos com esta edição ter contribuído para um pouco mais de luz no mundo. A luz brilhará ainda mais à medida que os pensamentos deste *Lúcifer* forem reflectidos e divulgados. Podem sempre enviar os seus comentários e perguntas aos editores. Respondemos a todas as cartas e e-mails que recebemos.

**Os editores**

# *Ensinamentos Esotéricos* volumes 11 e 12 de Gottfried de Purucker

## A Morte e a Circulação do Cosmos

A meticulosidade e o nível de detalhe com o qual o tema da morte e o subsequente percurso da mónada através do cosmos são discutidos nestes últimos dois volumes dos *Ensinamentos Esotéricos* não tem correspondência em nenhum outro lugar na literatura teosófica.

**Não há provavelmente nenhum tema do pensamento no mundo moderno acerca do qual tão pouco se escreveu de valor nos nossos dias e que no entanto é mantido tão profundamente no sentimento e na especulação como o tema da Morte.**

Com estas palavras G. de Purucker começa os últimos dois volumes do seu *Esoteric Teachings (Ensinamentos Esotéricos)*.<sup>(1)</sup> Ambas as partes abarcam o tema da Morte e a Circulação do Cosmos. Embora tenham aparecido várias publicações sobre o tema nos anos trinta do último século – pensemos, por exemplo, no livro do psiquiatra Dr Raymond Moody e o cardiologista Pim Lommel acerca de experiências de quase-morte, ou os estudos do psiquiatra Ian Stevenson e o seu sucessor Jim Tuckson acerca de memórias de crianças sobre vidas passadas, – GdeP (a abreviatura de Godfried de Purucker como Professor e como um Chefe Externo da secção esotérica) é ainda bastante

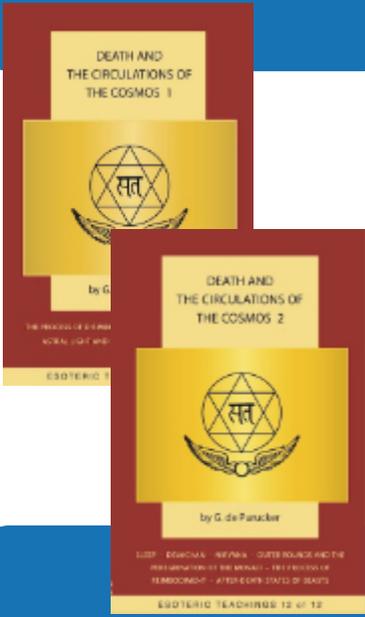
icónica. Acerca da própria morte, em especial sob a perspectiva da consciência, dificilmente qualquer coisa de valor foi acrescentada desde as suas publicações.

O valor destas dois volumes é, portanto, único. A meticulosidade e a minúcia dos detalhes que são utilizados na discussão deste tema nestes dois volumes não tem comparação em nenhuma parte da literatura teosófica. Em especial se considerarmos que estas duas partes de *Esoteric Teachings* como a parte final de todas as anteriores dez partes, em vez de trabalhos isolados, nos quais, para mais, se juntam muitas pontas soltas dos primeiros trabalhos teosóficos da autoria de Blavatsky, Judge, Tingley – e do próprio De Purucker.

Neste curto debate tocamos em diversos tópicos que são particularmente explanados nestes dois últimos volumes acerca da Morte e das Circulações do Cosmos e, finalmente, discutiremos a origem deste conhecimento.

### Pensamentos-chave

- » A morte não é um fim absoluto, mas uma fase da Vida Una ou consciência, que é eterna na sua essência.
- » Depois da morte, encontramos-nos connosco próprios. Tal como o nosso sono é um reflexo do nosso mundo de pensamentos durante o dia, assim experienciamos esses estados de consciência depois da morte, estados que edificámos durante a vida e com os quais temos afinidade.
- » É possível experienciar conscienciosamente os estados de consciência após a morte.



## A Unidade de toda a Vida

Volume 11 começa com a Unidade de toda a Vida, princípio fundamental da Teosofia. A conclusão imediata disto é que tudo está vivo, tudo foi, é e sempre existirá e, portanto, nada pode morrer. A partir daqui, GdeP refuta imediatamente uma primeira mentira persistente acerca da morte. Com o que se pretendia um fim absoluto ou o desaparecimento permanente do ser. Por outras palavras: a morte como o oposto da vida.

A Teosofia oferece um quadro mais amplo da morte, como não sendo outra coisa senão o outro lado da vida. Uma fase da Vida Una ou consciência, que é essencialmente eterna. A morte é apenas um desaparecimento *aparente*, uma transição da consciência egoica para outro plano mais interior, onde a pessoa comum não está ainda activamente consciente. E, à medida que a consciência faz esta transição, o veículo decompõe-se em todas as suas partes compostas. E aqui, também, trata-se de uma decomposição em partes que não desaparecem individualmente, mas sim continuam o seu próprio caminho dentro do plano no qual estão activos. Todo o processo de nascimento e morte é, portanto, um processo cíclico de deixar ir e regressar novamente. Todas as partes do homem se decompõem. Só aquelas partes de uma correspondente qualidade podem estar activas respectivamente nos níveis mais elevados e inferiores. Neste contexto, a Teosofia fala de várias mónadas e de átomos vivos, as unidades menores da consciência ou dos alicerces de que o nosso veículo é composto.

## O momento da morte e a visão panorâmica

Não há tantas coisas certas na vida como o facto de que cada um de nós ter de morrer um dia. Estas partes dos *Esoteric Teachings* dão-nos certos ensinamentos que cada



Este é o emblema de A Sociedade Teosófica. A serpente a morder a própria cauda simboliza os ciclos na Natureza. Este é um dos seus significados. Como parte integral da Unidade Cósmica, nós humanos, também integramos estes ciclos Cósmicos, dos quais esse da vida e da morte – ou renascimento – é um deles.

um de nós pode aplicar na nossa vida. Isto é especialmente verdadeiro tendo em atenção o conhecimento dos limites da vida e da morte: o momento da morte e a visão panorâmica.

GdeP descreve o momento da morte como aquele momento em que o assim chamado cordão dourado e prateado se rompe. Este cordão é uma contracção – separada do corpo físico – do mais intenso aspecto físico do Ovo Áurico, a que GdeP chama aura *ākā śīca*. No momento da morte esta aura *ākā śīca* está contraída num simples cordão ou fio que parte do corpo do homem a morrer. Este momento, a ruptura do cordão, só acontece na *sua totalidade* depois do último suspiro e da última batida do coração. Antes disso, enquanto durar a visão panorâmica, há ainda um pequeno filamento visível, para aqueles que são capazes de se aperceber disso. Para aqueles que não são capazes de o ver, é observável que a morte só ocorre por completo quando o corpo perde o seu calor e certos fluidos saem de diversas cavidades do corpo.

A visão panorâmica tem lugar justamente antes do momento final da morte. A duração desta pode variar muito consideravelmente de indivíduo para indivíduo. Desde poucas horas, para pessoas muito espirituais, até mesmo dez, doze horas ou mais, escreve GdeP. Durante esta visão panorâmica, todas as impressões da vida passada passam pelo olhar interior da consciência humana com todos os seus detalhes. GdeP: “... é o resultado da acção instintiva ou automática da parte da mónada humana que, quase inconscientemente para ela própria, por assim dizer, desfila de cada recanto secreto dos seus registos interiores, imprime-os tal como eles são, na sua própria substância vital, todos os detalhes da sua vida acabada de terminar e devido às forças espirituais no trabalho, que são funções conscientes, estritamente harmónicas e rigidamente kármicas, outra vez automaticamente, abrindo o panorama desde o início com o primeiro incidente que a memória registou na última vida passada, e daí em diante prossegue em grande pompa de imagens até que o último pensamento seja alcançado, a última emoção sentida, a última intuição experimentada – e então vem, inconsciente, completa, repentina, misericordiosa. Isto é a verdadeira morte”.

O ego reencarnante, a parte mais elevada do homem a morrer, vê, portanto, toda a vida passada por mais uma vez e pode fazer um balanço a partir daí. Todos os pensamentos, emoções, acções, todos efectuados e passados, passaram por ele. Quando o panorama acaba, o Ego reencarnante vê a justiça de tudo isso. A partir desta visão

ele pode ver qual o karma que o esperará na vida próxima e saberá que isso é correcto.

Esta visão panorâmica é, por assim dizer, o resumo ético da vida passada e, nesse sentido, talvez o momento mais importante das nossas vidas. É por isso que é aconselhável deixar a pessoa a falecer sozinha pelo tempo necessário depois da última batida do coração e do último sopro, de modo a que este processo se possa desenrolar tanto quanto possível sem perturbações.

### **Kāma-loka e a Segunda Morte**

O Volume 11 termina com o seguinte importante ponto de paragem no processo da morte: o Kāma-loka e a assim chamada “Segunda Morte.”

O homem é um ser composto. Não temos apenas um corpo físico, mas também um veículo astral, “um corpo de desejos”, uma parte intelectual, uma natureza espiritual e uma essência divina. Na morte, o fluxo da consciência ou o raio da vida, que liga todas as partes num conjunto, retira-se. Todas as partes compósitas regressam ao seu próprio plano, incluindo os já mencionados átomos de vida de diferentes qualidades, das quais eles são compostos. Por outras palavras, quando morremos, a composição do homem desagrega-se em três partes:

1. uma parte mais baixa, que se constitui do corpo físico, do veículo astral e do prāna mais baixo ou fluxo vital;
2. uma parte intermédia, constituída pelo corpo de desejos e pela mente psico-intelectual;
3. uma parte mais elevada, consistindo numa natureza espiritual e na nossa essência divina.

Depois da morte física, a parte mais baixa decompõe-se bastante rapidamente. As outras duas partes ficam conectadas e intactas durante algum tempo, até que também a parte mais elevada se descarta ela própria da parte intermédia. Ou, por outras palavras, até que a parte mais espiritual da parte intermédia, o “aroma espiritual” da mente seja absorvido na parte mais elevada.

Este processo é análogo ao processo da morte e é por isso que é chamada a “segunda morte”. Tal como o corpo físico está a ser deixado para trás durante o processo da morte na terra, o “corpo de desejos”, também chamado “Kāma-rupa, é deixado para trás no Kāma-loka. E isto também ocorre com uma “visão panorâmica”.

Tudo isto tem lugar no Kāma-loka, que significa literalmente “área do desejo”. Quando o homem passa através desta área depois da morte, todos os desejos, atracções e

tendências terrenas da vida passada extinguem-se. A energia deles esgotou-se.

Kāma-loka não é tanto um lugar específico, é mais um estado de consciência caracterizado pelo desejo. Usualmente, a pessoa mediana experiencia isto bastante inconscientemente, ou talvez como uma espécie de sonho agitado, mas isso depende da extensão para o qual o ser humano é atraído para aquela área. Se a atracção é mais poderosa, pode mesmo ser algum grau de auto-consciência, segundo G. de Purucker. A variação deste processo também muda de indivíduo para indivíduo e depende também do grau de focagem. Pessoas de mentalidade espiritual passam num “flash” e a “segunda morte” seguir-se-á rapidamente. Para as pessoas com um foco fortemente materialista, o processo pode demorar décadas ou mesmo centenas de anos (embora haja diferenças de tempo totalmente diferentes nestas áreas).

G. de Purucker descreve com muito mais detalhe o que é que este processo parece e, além disso, como ele é descrito noutras tradições, tal como na do antigo Tibete. Quando todos os desejos neste plano se esgotaram e já ocorreu a “segunda morte”, então o ego reencarnante é absorvido no seio da mónada e entra no Devachan.

### **Devachan**

O Volume 12 começa com uma descrição detalhada do Devachan. Devachan quer dizer, literalmente, “território ou terra dos deuses e dos seres espirituais”. Onde o Kāma-loka é mais um estado do que um lugar, isto é ainda mais verdadeiro para o Devachan. É um estado onde o ego reencarnante, despojado de toda a matéria e atracções terrenas, expressa as mais espirituais e mentais experiências e lições da vida passada e integra-as no seu carácter.

Cada existência humana, em todo o seu dinamismo, deixa pouco espaço para serem realizados os nossos ideais espirituais. As nossas perspectivas éticas, os nossos ideais de beleza, paz e bênçãos. A nossa energia espiritual está constantemente limitada na sua expressão durante a prática diária. Falhamos muitas vezes a realizar os nossos ideais da forma como nós os imaginamos internamente com a nossa imaginação espiritual.

Uma vez desembaraçado da nossa existência física e apartado de todos os desejos pessoais que já foram exauridos no Kāma-loka, agora, no Devachan, esta energia espiritual tem uma ampla oportunidade para se manifestar. A nossa consciência permite que todas as aspirações espirituais não realizadas se realizem. Embora sejam as nossas

próprias imagens que nos rodeiam, estaríamos enganando a experiência se a comparássemos apenas com um lindo sonho, escreve G. de Purucker. Trata-se de uma experiência que nós qualificaríamos de muito mais real do que uma experiência durante uma vida encarnativa.

Para mais, as experiências no Devachan são de natureza espiritual. G. de Purucker escreve: “o homem que devotou toda a sua vida a aspirações não realizadas ou de natureza filosófica ou de carácter científico, ou de natureza religiosa ou musical vai experienciar circunstâncias devachânicas nas quais ele próprio se envolve a resolver os mais complexos problemas filosóficos com grande sucesso ou que conseguirá alcançar na sua imaginação espantosos sucessos científicos ou sonhará que compreende plenamente os mais difíceis problemas religiosos ou estará rodeado das mais refinadas harmonias musicais, correspondendo sempre ao mais elevado tom de raiz da sua consciência. Um estado que ele experienciaria bastante como “celestial”, um estado de completa felicidade.

O que é imediatamente claro a partir daqui é que cada Devachan é um estado individual, baseado nas aspirações individuais que o homem teve na vida passada. A duração está também relacionada com a quantidade de energia espiritual, mas G. de Purucker escreve acerca de uma lei oculta segundo a qual aquele homem não reencarna na terra até que tenha passado um período de cem vezes mais o número de anos que durou a sua vida na terra. Blavatsky falou anteriormente de aproximadamente 1500 anos de duração média entre duas encarnações, o que é completamente consistente com esta regra, numa altura em que as pessoas viviam em média, incluindo a mortalidade infantil e morte precoce de todas as espécies de mortes, apenas 15 anos.

No entanto, há uma quantidade de exceções a esta regra a nível individual, que faz as pessoas reencarnar mais cedo na terra do que este período. Em aditamento à idade é, entre outras coisas, acerca do grau de orientação materialista ou, ao contrário, acerca dos motivos compassivos que podem trazer de volta o homem à terra. Este último caso respeita a aspirações espirituais não realizadas por outros e não tanto por si próprio e para o seu curto Devachan.

### **A analogia com o sono**

No volume 12 há também um capítulo dedicado ao sono, aos sonhos, e como é que este processo se relaciona com a morte. Aí, G. de Purucker explica com detalhe um importante ensinamento teosófico, nomeadamente que

a morte e o sono são processos análogos. Eles podem mesmo ser chamados idênticos, como o sono ser visto como uma morte incompleta e a morte como um sono completo. É como no mito dos antigos Gregos: *Hipnos* (sono) e *Tanatos* (morte) são irmãos gémeos. A partir da analogia entre o sono e a morte podem ser retiradas importantes conclusões éticas. Por exemplo, que a morte é de facto um terreno familiar para nós. Depois da morte encontramos-nos a nós próprios, tal como o nosso sono é parcialmente um reflexo dos nossos pensamentos durante o dia. Isto remove imediatamente o medo da morte como qualquer coisa desconhecida. Outra conclusão é que o homem não desaparece para sempre quando morre, mas ele entra sim num grande sono. Para mais ele regressará numa vida próxima e restabelece os seus laços com os seus próximos, embora talvez com um relacionamento diferente. Este conhecimento pode ajudar os próximos e pode oferecer uma boa quantidade de conforto.

### **Esboço de valor**

O que foi dito acima é apenas um esboço do conteúdo destes dois volumes, com muitos detalhes omitidos. Para além disso, nestes volumes, encontraremos conhecimentos acerca de tópicos que ainda não mencionámos neste curto esboço, tais como as Circulações no Cosmos, a jornada da mónada depois da morte através do Sistema Solar – as assim chamadas Rondas Exteriores – e as condições pós-mortes para os animais. O atrás mencionado esboço, com vários detalhes nos volumes 11 e 12, incluindo o processo da morte, do sono e das condições depois da morte, mostram já porque é que estes *Esoteric Teachings* são tão valiosos. O esboço pode, portanto, levantar também questões ao leitor acerca da origem deste conhecimento e de como somos capazes de comprová-los independentemente. Questões legítimas, porque cada difusor da Teosofia enfatizará que isto não é uma questão de fé, mas de conhecimento que deve ser testado na prática da vida, quer nos níveis científicos, filosóficos ou religiosos.

### **Estados de consciência e experimentação do processo da morte**

Vamos começar com a última questão acerca de como provar isto para nós próprios, depois do que poderemos formular a pergunta sobre a origem deste conhecimento. Quando ocorre a oportunidade de comprovar ou experienciar independentemente estes ensinamentos, estes dois volumes falam acerca de quatro estados de consciência. Estes estados de consciência são descritos, entre outros

assuntos, no *Mandukya Upanixade*, um livro sagrado do Hinduísmo, que é referido também por Helena Blavatsky na descrição da primeira proposição, no prómio de *A Doutrina Secreta*. Resumindo, trata do estado de vigília ou *Jāgrat*, o estado de sono ou *Swapna*, o estado de sono sem sonhos ou *Sushupti* e, finalmente, *Turiya*, o mais elevado estado de consciência a que se pode chamar iluminação plena. Este último estado é muito raro na nossa consciência humana e é um pouco a condição atribuída aos Buddhas. Nós experienciamos mais ou menos os três primeiros estados durante o sono. Tal como uma pessoa mediana, nós estamos apenas acordados nos primeiros dois estados. No entanto, nós chamamos Sushupti sem sonhos porque as experiências são tão claras que elas são mesmo demasiado claras para que nos possamos agarrar e deixar uma impressão no nosso cérebro.

É por isso que lhe chamamos sem sonhos e a experiência é como inconsciente. Todavia, nós podemos ocasionalmente experienciar alguma coisa neste estado em momentos de intuição, “flashes” de compreensão intuitiva ou coerência. Ao controlar e localizar o nosso pensamento diário no seu mais elevado estado de consciência

ou, por outras palavras, ao identificarmo-nos nós próprios com os tipos de pensamentos que correspondem à mais elevada três dos sete princípios – o aspecto intelectual, o aspecto intuitivo, o sentido de unidade – podemos aprender a estar conscientes neste estado. Com isto somos também capazes de experienciar conscienciosamente estes estados mais elevados ao mesmo tempo durante o sono e durante a morte. Estas possibilidades estão ainda muito longe do comum das pessoas. Mas esta possibilidade pode ser treinada sob a direcção de um Mestre, alguém que já possui mestria sobre este tema e tem isso sob controle por meio da iniciação. No entanto, isto é reservado apenas àqueles que querem aplicar a sabedoria que daí extraíram para o bem comum. E isso leva-nos a considerar a atitude perante a vida por parte do estudante, que é descrita nos dois primeiros volumes dos *Esoteric Teachings*. E com isto fecha o ciclo.

## Referência

1. G. de Purucker, *Esoteric Teachings (Ensinaamentos Esotéricos) Volumes 11 e 12*. Haya, Fundação I.S.I.S., 2015 (última edição autorizada.)

### O sono, a morte e a iniciação

Não posso imprimir demasiadamente na mente dos alunos da escola que a morte e o sono e a iniciação não são três coisas diferentes e radicalmente distintas, mas antes diferentes fases ou operações da consciência que, segundo os seus graus de importância numa escala crescente, podem ser colocados por ordem em sono, morte, iniciação. O sono é maioritariamente uma inconsciência ou um funcionamento bastante automático da consciência humana e ocorre porque o desenvolvimento evolucionário do homem ao longo do passado fez a função do sono da consciência tornar-se automática; a morte é precisamente o mesmo, mas num grau imensamente maior. E, da mesma maneira que o desenvolvimento do passado evolucionário do homem, a morte transformou-se num “hábito” necessário e saudável da consciência, em ordem a ganhar para a parte psicológica da constituição um descanso, uma assimilação e uma digestão da experiência, que é para ser, colocado entre os menores, mas semelhantes tipos de repouso e assimilação que dá o sono ao corpo físico humano. A iniciação é uma “morte” de toda a parte mais baixa do homem para o ser. Um sono para o aparato psicológico mais baixo, sobre o qual está então irradiando a luz mais elevada da Consciência Monádica do homem. Assim é que essa intensidade compreende as primeiras funções da consciência e usa-as em ordem a “libertar” o “homem interior” para a maravilhosa experiência dos planos interiores trazidos pela iniciação”.

Gottfried De Purucker *Esoteric Teachings*, volume 12, nota de rodapé 33.



Barend Voorham

# Os Portadores de luz na nossa sociedade

## Zaz

Os Portadores de luz não ficam a pensar se a sua contribuição para um mundo melhor e mais justo é grande ou pequena. Eles não hesitam. Fazem o que interiormente sabem que devem fazer. Agem pelo bem da própria acção. O seu lema é: seja a mudança que quer ver no mundo. Por isso, não se escondem atrás da desculpa de que estão sozinhos e que os “outros” não estão a colaborar. É tudo uma questão de acção.

A cantora Zaz é um exemplo brilhante disso mesmo. Zaz é o nome artístico de Isabel Geffroy, uma cantora de grande sucesso da *chanson* francesa e do jazz cigano, o chamado jazz manouche. Inicialmente, cantava em bares e nas ruas de Montmartre, em Paris. No seu primeiro grande sucesso – *Je veux* – canta que o dinheiro, o luxo e o prestígio não fazem as pessoas felizes e que a honestidade e o amor são muito mais importantes. Nas letras das suas canções, Zaz mostra o seu compromisso com o que está acontecendo no mundo, como a questão dos refugiados, a insegurança que as pessoas têm em relação a si próprias e como a sociedade é enriquecida por todas as diferentes “cores” de todas essas pessoas diferentes. Mas o compromisso com o mundo vai para além das suas canções. Zaz vê-se a si própria como uma artista

que é responsável pelo que acontece no mundo.

Ela diz que, desde o início do seu sucesso, procurou uma forma de contribuir para um mundo melhor com a sua fama de cantora. Desde a sua infância que queria ser útil aos que a rodeavam. A vontade de ajudar os outros levou-a a doar as receitas de três concertos que deu na Turquia às vítimas do terramoto naquele país. Mas este apoio ocasional não é suficiente. Zaz quer contribuir de forma estrutural.

Ela entrou em contacto com Pierre Rabhi, um escritor, agricultor e ambientalista nascido na Tunísia, que é considerado uma figura importante da agroecologia francesa. Zaz notou que, ao fazer o que sentia que tinha de fazer, conseguia obter bons resultados. Isso inspirou-a. Ela sabia que também tinha de fazer alguma coisa. Para isso, inspirou-se numa antiga lenda maia da América Central.

### O beija-flor

Segundo a lenda, um dia houve um incêndio terrível na floresta. Todos os animais fugiram da floresta aterrorizados. Mas, de repente, a onça vê um pequeno beija-flor a voar na direcção oposta. Ele voa o mais rápido que pode em direcção à floresta em chamas. Um momento depois, a onça

vê o pequeno pássaro a voar novamente para fora da floresta, regressando pouco tempo depois. A onça fica tão surpreendida por ver o beija-flor a voar sempre para cima e para baixo que lhe pergunta porque é que ele está com um comportamento tão estranho.

“Vou ao lago”, diz o beija-flor, “apanho água com o bico e atiro-a para o fogo para o apagar”. “És doido”, diz a onça. “Achas mesmo que um pássaro tão minúsculo como tu consegue apagar aquele fogo enorme?” “Não”, responde o beija-flor, “mas farei o que puder”.

E, continua a lenda, ao não recuar, o beija-flor inspira a onça, os macacos, o marsupial, o tucano e todos os outros animais a fazerem a sua parte. Isso não só permite que o fogo seja extinto, mas também cria um vínculo estreito entre todos os habitantes da floresta.

### **Zazimut**

Zaz é como um beija-flor humano. Cantou uma canção sobre este beija-flor, fala sobre ele nos seus espectáculos e escreveu um livro infantil sobre o assunto. Mas ela faz mais. Fundou a organização Zazimut em 2017. Esta é uma organização que desenvolve e promove projectos que visam uma sociedade em que há mais respeito pela vida em todas as suas formas. Zazimut centra-se principalmente na educação e no desenvolvimento sustentável. A organização apoia projectos educativos, culturais, sociais e ambientais em todo o mundo.

Zaz usa a sua música como uma ligação entre o público e os projectos locais. Foi por isso que ela tomou a iniciativa de vários projectos musicais. Assim, foi formado à volta de Zaz um coro de duzentas pessoas chamado *Co-Legioa*, que dá dois concertos por ano. A educação musical, acredita Zaz, é um factor decisivo para o sucesso social e académico. Outro exemplo educativo é a colaboração com uma escola primária, que resultou no desenvolvimento e produção conjuntos do jogo de tabuleiro *Ronchonchon* para crianças. Ronchonchon ensina os princípios básicos da comunicação não violenta e ponderada e foi concebido para ajudar os jovens jogadores a tomarem consciência do comportamento dos seus adversários. É um jogo que não tem perdedores. Além disso, Zazimut apoia numerosas actividades ecológicas, muitas vezes combinadas com educação. Assim, Zazimut reúne sustentabilidade, música e cultura.

Um exemplo é o Festival Crussol no Ardèche, França, que se realiza anualmente desde 2017, com concertos de artistas de renome e acesso público gratuito à aldeia do festival. No local, os visitantes podem encontrar-se e trocar ideias sobre soluções sustentáveis num ambiente informal.

Todos os tipos de grupos terão a oportunidade de oferecer oficinas e promover a sua causa. O objectivo é convencer cada indivíduo a contribuir para o desenvolvimento sustentável.

As actividades não se limitam certamente à sua terra natal, a França. Ela própria diz na sua página do Instagram: “À medida que a minha carreira me levava cada vez mais longe no estrangeiro, pude conhecer e ouvir pessoas extraordinárias todas as noites. Cidadãos empenhados, de culturas completamente diferentes da minha, mas que também tinham projectos, com a esperança, o desejo, por vezes a raiva, de fazer as coisas acontecerem. Dei-lhes um pedaço de palco todas as noites, por vezes a meio do meu programa, em todo o mundo, para lhes oferecer a minha modesta plataforma e para que pudessem explicar os seus desejos, os seus desafios. Sempre diferentes de um país para outro, mas sempre movidos pelo mesmo fervor e este desejo de estarem juntos para partilharem uma visão. E porque não tentar transformar chumbo em ouro”. Um dos objectivos da Zazimut é apelar à fama dos artistas para que também promovam projectos locais durante as tournées internacionais.

Entretanto, a Zazimut colabora com mais de uma centena de projectos espalhados por todo o mundo.

### **Deutscher Nachhaltigkeitspreis (DNP)**

Por vezes, viver de acordo com os seus próprios princípios também cria dificuldades, por exemplo, durante a pandemia de Covid-19. Zaz sabia, no fundo, que não queria ser inoculada contra o coronavírus. O resultado foi que não pôde entrar no Canadá e teve de cancelar alguns concertos nesse país. Foi doloroso desiludir os seus fãs, mas ela não podia comprometer o que sabia no seu íntimo.

Assim, ser fiel aos nossos próprios ideais coloca-nos por vezes perante grandes desafios. Mas também nos destacamos. E as actividades de Zaz não passaram despercebidas. No Outono de 2022, foi-lhe atribuído o prestigiado *Deutscher Nachhaltigkeitspreis* (prémio de sustentabilidade).

“Este prémio”, diz Zaz, “dedico-o a todas as pessoas que conheci ao longo do caminho. Nós somos a mudança que queremos ver no mundo. O prémio é um incentivo para continuar, por muito difícil que seja por vezes”.

O beija-flor já não é o único cujo pequeno bico lança algumas gotas de água sobre a floresta em chamas. Zaz está confiante de que as suas actividades darão frutos. “O homem é capaz de tanta beleza”, afirma no seu discurso de aceitação deste prémio ecológico. “Então, o que é que nos impede de ir para a luz?”



# Tratando com a natureza

## O exemplo dos Bishnois

**Estamos ainda a falhar na resolução dos nossos problemas do ambiente. A base para uma solução sustentável está faltando. Podíamos obter inspiração de pessoas que vivem ligadas à natureza, tais como os Bishnois da Índia.**

A perda da natureza está a ter lugar por todo o globo. A urbanização e, em especial, as novas quintas estão ocasionando o desaparecimento das florestas e o declínio rápido da biodiversidade. A maneira como cultivamos e organizamos as quintas também levanta problemas. Em todo o mundo, a necessidade de produzir comida está a ser sentida diferentemente. Se bem que o desenvolvimento tecnológico e o uso de fertilizantes artificiais tenha aumentado enormemente o rendimento da agricultura e da pecuária, os efeitos adversos parecem ser quase intransponíveis. Algumas vezes ocorre um desequilíbrio absurdo. Reparemos num país pequeno como a Holanda. Este país tem um problema de espaço e há um enorme deficit de habitação. Apesar disso, a Holanda é o segundo país do mundo na exportação de alimento. O cultivo intensivo tem o seu preço, porque a agricultura e em especial a criação de animais causa muitos danos ao ambiente. Por consequência, cada vez mais pessoas acreditam que se torna necessária uma mudança.

Há uma grande crise na emissão de azoto, de que resulta o empobrecimento da diversidade de espécies na natureza. As emissões de CO<sub>2</sub>, para as quais a criação de gado em especial contribui enormemente, são o maior problema ambiental em todo o mundo. Há também a ameaça de poluição das águas subterrâneas e a falta de água potável. Isto para já não mencionar o grande sofrimento infligido aos animais pela agricultura industrial. Alguns agricultores e políticos pretendem resolver este problema por meio de mais desenvolvimentos técnicos. A questão, no entanto, é se não é precisamente a aplicação contínua de tecnologia na agricultura e a escalada que se segue, que ocasiona o problema. Podemos resolver um problema causado por uma certa maneira de pensamento usando essa mesma maneira de pensar? Ora bem, as novas tecnologias não têm sempre que andar de mãos dadas com a escalada. Os agricultores biológicos e os fazendeiros estão sempre abertos para as novas tecnologias, desde que promovam os seus objetivos e não os contrariem. O que mais

### Pensamentos-chave

- » Vinte e nove regras de vida propiciam uma vida simples mas próspera no deserto.
- » Partindo da unidade e do respeito por toda a vida resolvem-se todos os problemas do ambiente.

importa é que as colheitas, os animais e o ambiente recebam mais atenção. Isto exige uma nova maneira de pensar. Os povos indígenas têm frequentemente uma maneira muito diferente de pensar, e a sua forma de cultivar – ou de abastecimento alimentar – é por consequência muito diferente da dos países muito industrializados. Talvez possamos aprender algumas ideias com eles.

### **Harmonia dinâmica**

Embora haja muitas diferenças regionais entre o que nós ilusoriamente chamamos povos “primitivos”, há também muitas semelhanças, em especial se olharmos como eles interagem com a natureza que os rodeia. Se nós olharmos para os nativos americanos, para certas tribos da Ásia e da África, há demasiadas semelhanças na sua visão da natureza e da vida para que possamos desprezá-las por coincidentes. Enquanto a visão do homem ocidental da natureza, quer da fauna quer da flora, a considera *fora* da sociedade humana, os povos indígenas vêem a natureza como uma unidade de seres vivos que estão inextricavelmente conectados e os humanos são enfaticamente parte disso. Para eles, a natureza não é qualquer coisa fora da sociedade. Há povos que nem sequer têm uma palavra para designar a natureza. Afinal de contas, é tudo natureza. Para eles, toda a vida forma um todo e o sentido de responsabilidade que emana deste entendimento é um assunto que se reflecte naturalmente na maneira como tratam a natureza.

Além disso, eles não limitam a outra vida apenas ao mundo animal e ao das plantas, mas também incluem os seres que vivem “acima” ou “abaixo” do nível humano – chamemos-lhes deuses se quiser. A natureza, como eles a vêem, estende-se “acima” e “abaixo”, como uma grande unidade hierárquica. Isso pára no mundo vegetal? Certamente que não. Há também seres que são menos desenvolvidos do que as plantas. Eles são chamados por diferentes nomes.

O mais importante de tudo: todos estes seres formam um todo harmónico dinâmico. O ser humano é uma parte disso. Quando um ser pede mais do que precisa, ocorre a desarmonia.

### **Ecologia**

Na verdade, estes povos em comunhão com a natureza praticavam uma espécie de filosofia científica a que nós chamamos agora *ecologia*, embora com uma visão muito mais ampla e mais compreensiva de *todas* as coisas vivas do que os cientistas modernos. A ecologia estuda os relacionamentos e as conexões entre os elementos vivos na

natureza. Na palavra “ecologia” reconhecemos o *oikos* do grego clássico, que quer dizer família ou meio ambiente. Tal como os seres humanos numa família estão ligados uns aos outros e cada um realiza o seu próprio trabalho, podemos também considerar uma área particular (biótopo) como uma família. Por outras palavras, este ramo da ciência estuda as interacções entre os organismos vivos num dado biótopo e as influências que vêm do exterior. Aquelas influências viriam do meio ambiente “não-vivo”, tais como condições do solo com os seus constituintes químicos, condições hidrológicas e atmosféricas como o clima.

Embora a Teosofia assumia que tudo está vivo e que, portanto, o meio ambiente “não-vivo” não exista, a ecologia é, apesar de tudo, um grande passo em frente, porque ela estuda os vários organismos em conexão uns com os outros. A constatação de que tudo está interligado e que interage entre si permite a este ramo da biologia providenciar um quadro mais claro da vida que nos rodeia e identificar melhor as conexões entre todos estes organismos. Para mais, verifica-se repetidamente que estas inter-relações têm um alcance muito mais profundo e mais amplo do que o esperado. Por exemplo, cada biótipo está indubitavelmente relacionado com outros biótipos. Na verdade, toda a terra, desde os polos até ao equador, é uma grande “família”, na qual tudo está interrelacionado.

Todavia, o que a ecologia não considera ainda como seu campo de actividade são os organismos vivos de que não nos podemos aperceber sensorialmente, tais como os “deuses” e os “elementais” ou o que é hoje ainda considerado como o meio ambiente “não-vivo”. Neste, o moderno ramo da ciência difere dos assim chamados povos primordiais.

### **Bishnois**

Vamos dar uma olhadela mais de perto em um desses povos: os Bishnois. Esta comunidade de seiscentas mil pessoas vive no Noroeste da Índia, numa região bastante severa e árida, no deserto ou semideserto do Rajastão. As suas origens remontam ao Guru Jambheshwar (1451-1536) que reuniu um grupo de seguidores à sua volta, dentro da religião amplamente difundida na Índia dos devotos de Vishnu. Jambheshwar observou numa visão que a seca e a miséria que lhe estão associadas de que a região já estava sofrendo, mesmo assim, era causada pela intervenção humana na natureza. Então ele traçou 29 regras que os seus seguidores começaram a adoptar (bishnoi quer dizer vinte e nove no dialecto local). Aquelas 29 regras eram relativas



A árvore sagrada Khejri.

a diversos temas, tais como higiene pessoal e condições de saúde básicas, comportamento social, religião, conservação da biodiversidade e do bem estar animal. É principalmente por causa destas últimas regras que os Bishnois atraíram a atenção. Dito isto, estas outras regras são também importantes e o conjunto delas deveria ser seriamente considerado.

## Vishnois

Os Bishnois são também conhecidos como *Vishnois* por causa da sua devoção pelo deus Vishnu. Vishnu é um dos três deuses da trindade hindu, simbolizando a criação, preservação e destruição. Vishnu é o preservador ou guardião. Trata-se de uma força cósmica inteligente que está presente em tudo o que existe. Não há ser humano, animal ou folha de relva, na qual não se possa encontrar o poder de Vishnu. Para os Bishnois em particular, vivendo da criação animal e da agricultura, este poder cósmico é essencial porque fá-los pensar que tudo na natureza está imbuído desta potência divina. Todo o mundo manifestado só pode continuar a existir graças ao poder de Vishnu. Até que ponto é que os Bishnois representam antropomorficamente Vishnu não é inteiramente claro. Segundo uma das 29 regras, deve-se rezar à divindade pelo menos de manhã e à tarde e nas quartas feiras jejuar. Mas servir a Vishnu também implica modéstia, paciência e pureza e pensamentos carinhosos de amor e devoção por toda a vida. A ética flui logicamente a partir da visão da vida. A regra segundo a qual se deve perdoar aos outros encaixa perfeitamente com esta.

## Bom para os animais e para as plantas

É por causa das bases desta religião que os Bishnois são capazes de implementar as regras com os níveis mais baixos da natureza sem dificuldades, o que é muito surpreendente para muitos. Algumas das regras a ser observadas são: ser caridoso para todos os seres vivos e amá-los. Não cortar árvores verdes e conservar o ambiente. Providenciar abrigo para os animais abandonados para evitar o seu abate em matadouros. Não esterilizar os touros. Há mesmo uma regra segundo a qual não se deve vestir roupas azuis porque essa cor é extraída da planta indigo e para isso ter-se-ia de destruir muitos arbustos. E como uma regra já citada mostra, não se deve cortar árvores verdes. Embora não consagrado nas 29 regras, é uma boa prática que cada Bishnoi plante pelo menos uma árvore por dia.

Porque provavelmente todas estas regras estão alicerçadas num conceito cósmico religioso e porque os Bishnois podem compreender a verdade simples que elas encerram, elas são seguidas com alegria. Na verdade, também não é difícil de compreender que todos os seres vivos têm o direito de viver e compartilhar os bens da terra.

Naturalmente que praticar estas regras acarreta alguns inconvenientes. Por exemplo, por vezes as mulheres têm que caminhar durante horas para procurar ramos caídos para os usar naslareiras para cozinhar os seus alimentos. Além disso, eles não utilizam ramos das árvores vivas. Antes de deitar os ramos ao fogo eles procuram cuidadosamente que não haja neles pequenos insectos lá escondidos.

A escassez de madeira morta também quer dizer que os Bishnois não podem cremar os seus cadáveres, que é uma velha tradição entre os hindus. Para mais, mesmo para a cremação dos cadáveres é necessária madeira que arda. E para isso tinham que sacrificar uma árvore viva ou mutilá-la, que é o que acontece quando se arrancam ramos vivos. Naturalmente, os Bishnois são estritamente vegetarianos. Além disso, eles nunca lesam a natureza à sua volta, a casa dos animais selvagens. Na verdade, muitas vezes aqueles animais são ajudados. Por exemplo, parte da colheita é dada à vida selvagem, tal como aos pássaros. Cerca de 10% da colheita é dada aos animais. Parece estranho que um camponês de Bishnois espalhe no chão todo um saco de grãos para os pássaros comerem, mas ele faz isso com uma atitude feliz e sente um prazer visível ao ver o festim dos pássaros com os grãos. Em toda a parte nos assentamentos e nas aldeias se vêem gazelas que, tal como os animais de estimação entre nós, pertencem à família e desfrutam ainda completa liberdade. Os animais jovens abandonados

Um homem Bishnoi planta uma árvore Khejri no deserto seco. Durante dois anos, ele compartilhará sua água com essa árvore. Depois disso, a árvore pode continuar a crescer de forma autônoma.



pelos pais são alimentados por uma garrafa e são-lhes dados suplementos. Há mesmo casos de crias de gazela mamando numa mulher Bishnoi.

### **Protegendo a sua família**

Aqueles que você ama, protege. Há algumas regras para proteger as mulheres, por exemplo, se elas estão grávidas ou deram à luz recentemente. Se também amamos os animais e as plantas e os consideramos membros da nossa família, também os protegeremos. A história dos Bishnois é um brilhante exemplo disto.

No ano de 1730, o Maharajá de Jodhpur no Rajastão queria construir um novo palácio. Ele enviou alguns soldados cortar algumas árvores sagradas Khejri numa aldeia. Uma mulher, Amrita Devi, abraçou a árvore para evitar que fosse cortada. Os soldados propuseram-lhe que deixariam a aldeia se Amrita lhes pagasse um suborno. Todavia, Amrita compreendeu o suborno como contrário à sua religião e rejeitou relutantemente essa proposta. Disse aos soldados que a sua proposta era uma afronta à sua religião e que ela estava disposta a morrer para salvar as árvores. Aí os soldados mataram-na de verdade. O seu acto inspirou as suas três filhas e outros companheiros aldeões para o mesmo heroísmo. Eles também abraçaram as árvores e foram mortos. Eventualmente, sem contar com Amrita, 363 outros Bishnois foram assassinados. Só quando esta atrocidade chegou ao conhecimento do Maharajá é que ele ordenou a paragem do abate. As árvores foram salvas.

Esta história continua a inspirar os Bishnois de hoje. Em todos os anos é comemorado este evento. E o mesmo espírito de proteger a nossa família conduz-nos a uma política activa de tomar medidas de diversa maneira contra caçadores e furtivos. Uma vez mesmo uma acção judicial foi movida contra uma equipa de filmagem de Mumbai, que tinha ido caçar um gamo preto na área. Seguindo a sua tradição, os Bishnois detiveram os empregados da equipa de filmagem e fizeram uma reclamação contra dois deles na Delegação de Polícia da área.

### **Prosperidade**

Parecia que as políticas dos Bishnois se desenrolavam à custa da sua própria prosperidade. Muito estranhamente, o contrário é que é verdade. Todas as necessidades básicas são realizadas. Não há faltas. Mesmo hoje os Bishnois vivem na sua simples prosperidade. A partir de todas as aparências, os tempos modernos têm pouco ou nenhum impacto nas suas regras de vida e na sua forma de viver. Prosperidade é um termo relativo e se medirmos as posses terrenas de uma família Bishnoi em comparação com as posses materiais acumuladas pela média europeia ou americana, estes últimos têm obviamente muito mais. Mas comparando com outros grupos que vivem á beira deste árido e escaldante deserto, os Bishnois são decididamente prósperos. Na verdade, eles vivem tão bem que fazem inveja a outras comunidades que vivem lá. Naturalmente, se os Bishnois seguem sempre as 29 regras

é impossível julgar. Um vídeo no YouTube mostra que nem toda a gente cumpre a regra de não utilizar drogas, que é um dos preceitos também exigidos. Em resumo, eles não são santos, mas, como nós, são seres humanos em aprendizagem. Mas a sua sabedoria religiosa e as regras éticas daí resultantes, contidas em 29 regras, que podem ser compreendidas por todos, levam-nos a não ter nenhuma necessidade material e a viver uma vida harmoniosa e cheia de significado.

### Que lição podemos aprender?

Há uma enorme lacuna entre a nossa sociedade e a dos Bishnois. Evidentemente, nós não podemos copiar cegamente as 29 regras à nossa sociedade moderna. Mas devemos reflectir bem no seu espírito e aplicá-lo às nossas vidas, em especial no que respeita aos reinos animal e vegetal.

Primeiro que tudo, vamos considerar a estrutura mais profunda da vida. Há uma Unidade na vida que abarca tudo. Se nós chamamos a essa Unidade Vishnu, Deus, Natureza ou um Princípio, isso não é importante, desde que pensemos no nosso interior que tudo é vivo e inseparável.

Isto inspirar-nos-á para a humildade. A procura não será mais para obter tanta prosperidade material quanto possível. A felicidade humana não será determinada pela quantidade de coisas que uma pessoa possui. Antes perguntaremos a nós próprios de que é que realmente precisamos e quantas das nossas acções não são às custas de outras vidas: das vidas dos humanos, dos animais e das plantas. Se este pensamento está lá, então a orientação para ser “bom” para os animais não será tão difícil de seguir. Por isto não queremos significar que devamos abraçar os animais e dar-lhes grandes quantidades de alimento, mas antes que devíamos mostrar respeito pelos seus instintos naturais. E deixá-los viver as suas próprias vidas tanto quanto possível.

Uma vez mais, o ponto é compreender o *espírito* destes preceitos. Por exemplo, os Bishnois têm uma regra de não castrar os bois. A razão disto, naturalmente, é que se devia deixar a vida dos animais ser vivida naturalmente tanto quanto possível. De modo a que eles possam aprender as suas próprias lições animais. Aplique esse pensamento aos animais mantidos em países ricos. Deveríamos retirar os bezerros recém nascidos às suas mães à custa da produção do leite? Devemos manter os porcos em celeiros onde não têm possibilidade de viver uma vida natural? Deveríamos engaiolar frangos em “edifícios apar-



Durante a estação seca, as mulheres Bishnoi cavam canais e poços para captar as chuvas da próxima monção.

tamentos” e abatê-los às dezenas de milhar como medida preventiva para evitar um prejuízo económico na hipótese das gripe das aves? Deveria a agricultura industrial existir realmente?

A regra para não cortar árvores verdes beneficia directamente os Bishnois. Afinal de contas, a ignorância desta regra conduz-nos ao facto de o deserto avançar mais depressa. Mas a circunstância mais relevante é que aquelas pessoas devem respeitar os seres do reino vegetal. Os seres humanos e os animais não podem viver sem o reino vegetal.

Se tivéssemos a mentalidade dos Bishnois usaríamos alguma vez argumentos económicos como uma razão necessária para a destruição da natureza? Quando na Alemanha aldeias inteiras são eliminadas da face da terra para a extracção do combustível mais poluente, a lignite, que é justificado pelo facto de a electricidade não poder ser gerada de outra forma! Será que alguma mulher Bishnoi cortaria um ramo de uma árvore com o argumento de que, se não fosse assim, ela teria de caminhar para longe em busca de lenha?

Acima de tudo, trata-se da consciência da conectividade entre todos os níveis da natureza que nós precisamos de desenvolver. Se essa consciência tivesse crescido o suficiente será que destruiríamos a floresta para construir uma auto-estrada ou esgotaríamos o solo com o uso de fertilizantes? É a nossa ganancia que nós devemos refrear. Só então cessará a destruição da natureza, a poluição do ambiente, o mau trato dos animais. O espírito das 29 regras dos Bishnois ajudar-nos-á certamente a fazer isso.



Alunos do Golden Link College nas Filipinas, durante os seus estudos.

# Educação para a paz nas escolas

## O que aprende-se na juventude permanece para toda a vida

### Pensamentos-chave

- » Na Teosofia, a educação para a paz é sinónimo de educação.
- » Essa educação é destinado ao desenvolvimento de todas as facetas da criança. Ao fazer assim, as facetas mais elevadas tomam domínio sobre as menos elevadas.
- » Isto tem lugar numa atmosfera de fraternidade universal onde cada um tem responsabilidade.
- » Aprender a pensar independentemente e a trabalhar em conjunto são os elementos-chave.
- » Quando as crianças recebem a educação para a paz desde tenra idade, elas tornam-se resilientes e contribuem naturalmente para uma cooperação pacífica.

No número especial de *Lúcifer, O portador da Luz* – sobre a paz, escrevemos acerca de uma paz sustentável que resulta de uma harmonia dinâmica dentro de nós próprios.<sup>(1)</sup> A educação é uma parte importante do desenvolvimento educacional da criança e dos jovens, na qual aprendem a caminhar uns com os outros. É encorajador verificar que muitos exemplos de educação para a paz já existam na educação comum. Mas o estado corrente do mundo mostra que qualquer coisa de estruturante está a faltar. A educação para a paz é vista agora como opcional, como qualquer coisa fora do currículo. Tomando uma abordagem teosófica, estruturamos neste artigo uma educação para a paz e elevados exemplos para a educação. Quando a educação para a paz é inserta na educação, as crianças convertem-se em pacifistas.

Na educação corrente vemos diferentes tipos de educação para a paz. Uma parte é acerca da paz e da guerra no contexto da história dos acontecimentos correntes. Outra parte é acerca do desenvolvimento de características tais como a resolução de conflitos e mediação. Por exemplo, as lições acerca da diversidade cultural deveriam conduzir ao respeito e compreensão mútuos. Nas propostas sobre a educação para a paz a atenção é muitas vezes mais focada para o lado instrumental. O que é muitas vezes esquecido, senão mesmo falta, é uma visão da essência da educação como é dada pela Teosofia. Quer dizer, para promover o desenvolvimento das nobres qualidades do ser humano, como um membro da fraternidade universal. Trabalharemos primeiramente nesta premissa e depois mergulharemos mais fundo na

educação para a paz: construir o *ambiente* acertado. Desenvolver o *pensamento independente* e aprender a *cooperação* e a *resolução de conflitos*.

### O que é que há para resolver

Na educação e na pedagogia há diferentes ideias acerca do que seja uma pessoa, o que é que deveríamos desenvolver numa criança e como é que isto deveria ser e de como deveria ser feito. Há muitas vezes uma ênfase na aquisição de conhecimentos. Em muitos casos, a ideia básica é que todas as espécies de coisas deviam ser “colocadas na criança” e que a criança vem ao mundo como uma “tábua rasa”.

Na Teosofia, nós presumimos um processo cíclico de vida e morte onde, num novo nascimento, todas as qualidades são desenvolvidas de

novo a partir de dentro, a partir do âmago da consciência. Na essência, a educação tem em vista promover a formação do carácter.

A imagem ideal da educação, sob o ponto de vista teosófico, é ajudar a desenvolver o potencial da mais elevada natureza do homem. A mais elevada natureza inclui as suas mais elevadas qualidades de pensamento, tais como a razão, a intuição, a compaixão e o sentido da unidade. Em vidas anteriores, cada criança aprendeu já mais ou menos lições espirituais ou éticas. Já nasceu com o armazém de sabedoria acumulado. Apelando para ele, esta sabedoria adquirida em vidas anteriores tem a oportunidade de se transformar numa força viva nesta vida.

Na Sociedade Teosófica de Point Loma, os princípios do Râja-Yoga são usados para traçar efectivamente a educação. Katherine Tingley explica isto desta maneira:

O termo educação tem um significado mais amplo na escola de Râja-Yoga de Point Loma do que habitualmente lhe é dado. A base desta educação é a essencial divindade do homem e a necessidade de transmutar cada elemento da sua natureza que não seja divino. Para fazer isto nenhuma parte pode ser negligenciada, e a natureza física deve compartilhar ao máximo no cuidado e atenção que são requeridos. Nem o mais assíduo treino do intelecto pode passar despercebido; todavia, ele deve ser tornado obediente às forças do coração. O intelecto deve ser o criado, não o senhor. Para a ordem e o equilíbrio serem alcançados. A mais verdadeira e grandiosa de todas as perspectivas da educação consiste em atrair a mente da criança para o facto de o Eu imortal estar sempre a trazer todo o ser para um estado de perfeição. O real segredo do sistema do Râja-Yoga é antes evoluir o carácter da criança do que sobrecarregar a sua mente. É antes trazer para fora do que construir as faculdades da criança. A parte maior está lá dentro.<sup>(2)</sup>

Mesmo hoje já há escolas com estrutura teosófica. Nas Filipinas, uma escola teosófica, *Golden Link College (Escola do Elo Dourado)*, foi fundada em 2002. O seu fundador, Vicente Hao Chin Júnior, resume o objectivo da educação da forma que segue: *A educação transformadora deve implicar o despertar da mais elevada natureza da pessoa, e o alinhamento da personalidade nessa natureza mais elevada. Esse despertar não se realiza por meio do condicionamento, mas antes por intermédio do discernimento.*<sup>(3)</sup> Hao Chin fundou um sistema de educação completa para o desenvolvimento de todas as facetas da consciência. Distingue-se da educação tradicional pela sua focagem na autodisciplina,

no auto conhecimento e desenvolvimento do carácter, entre outras coisas.

A paz interior acontece quando as nossas variadas facetas do carácter funcionam harmoniosamente.<sup>(4)</sup> Neste processo, as mais elevadas facetas tomam o comando sobre as mais baixas. As mais elevadas facetas estão universalmente vocacionadas para o benefício do todo. As mais baixas estão focadas no interesse pessoal e noutros temas. Elas têm o seu lugar e função apropriados, mas quando as facetas mais baixas dominam, isso conduz a uma orientação unilateral, em torno do auto interesse e conforto pessoal, donde resulta o sofrimento.

Um exemplo de orientação harmoniosa é aquele que dirige a emoção na base da razoabilidade. Ou quando uma pessoa vê a causa de um conflito a partir da intuição e pode então moderar e transcender o seu impulso para a retaliação. E com um sentido de unidade pode ficar-se acima das partes e garantir um lugar e um papel acertados para todos os envolvidos.

O processo de aprendizagem do crescimento de uma criança consiste em fazer submeter as mais baixas facetas à orientação das mais elevadas. Em resultado disso, a pessoa desenvolve resiliência e capacidades para cooperar harmoniosamente. Elaboraremos mais tarde as pré-condições e como iniciar adequadamente o processo de aprendizagem.

### **A nota-chave para uma boa atmosfera: uma cooperação fraterna**

Um importante pré-requisito no ambiente de aprendizagem consiste na construção de uma atmosfera adequada para pensar. Trata-se de uma atmosfera que contribui de forma óptima para expressar harmoniosamente todas as facetas do crescimento da criança e em particular das suas mais elevadas e nobres qualidades. A base de tal atmosfera consiste no entendimento de que a humanidade e o ser humano individual (!) são uma parte integrante do planeta vivo, da natureza, do universo. Um ensinamento nuclear da Teosofia é a ideia de unidade. Todos os seres são inseparáveis e trabalham em conjunto para viver num grande organismo. A cooperação fraternal é, portanto, o caminho natural para vivermos juntos. Esta é a base para uma sociedade pacífica. A atmosfera dentro e fora da escola é construída principalmente por ideias. Deste modo os professores, tal como os pais, devem ter uma filosofia de vida na qual a compaixão e a cooperação estejam no centro. O meio da aprendizagem não está limitado à escola, mas também inclui a escola e forma uma ponte para a sociedade.

## Lomaland

O exemplo de uma comunidade na qual foi construída uma atmosfera harmoniosa de educação para a paz é Lomaland. Trata-se da comunidade teosófica criada por Katherine Tingley em Point Loma, San Diego, Califórnia (1898-1942). Esta comunidade estava focada no desenvolvimento do carácter e na contribuição para a sociedade baseada no ideal da fraternidade universal. A educação começou logo que as crianças nascem. Ao longo dos anos, a educação foi também desenvolvida para níveis mais elevados, até à Universidade. O ponto de partida para a educação foram os princípios da educação do Rāja-Yoga.<sup>(7)</sup>

Uma característica distintiva consistia em que os alunos dos diferentes grupos etários passavam todo o dia em conjunto com o professor, numa atmosfera fraterna. Cada um tinha os seus papéis e tarefas. As crianças mais velhas ajudavam as mais novas. Tomavam refeições comunitárias. A teoria era interpenetrada com aulas práticas, tais como investigações na natureza. Havia um grande envolvimento no teatro e na música. Por exemplo, houve grandes produções teatrais realizadas em conjunto onde, do maior ao menor, todos tinham um papel. Desempenhar um papel de palco ou uma peça de música era o principal da educação, por causa da sua essencial contribuição para o desenvolvimento do carácter. E trabalhar numa peça é um bom exercício para sintonização e cooperação.

Lomaland era uma comunidade protegida, ao mesmo tempo que era o centro do mundo. Tinha sido erguida uma atmosfera de fraternidade prática. Estava focada no serviço da Humanidade. Sob a liderança de Katherine Tingley, iniciativas de paz global foram empreendidas durante décadas. E muito trabalho foi feito, por exemplo, para apoiar prisioneiros e tornar o regime de detenção mais humano. Os estudantes participavam em todas estas iniciativas. Todas elas eram participadas por estudantes. Isto também fazia parte da educação do carácter. O pilar da educação em Point Loma era o Rāja-Yoga. Este foi “a condizir para fora” (este é o significado literal da palavra latina *e-ducare*) da parte reencarnativa do homem, de modo a que ele seja capaz de dominar a sua personalidade como um instrumento. Precisamos capacitar o coração para governar a cabeça.

Sobre isto Katherine Tingley dizia: “Rāja-Yoga é um termo antigo que significa real ou ‘união real’. Seleccionei este termo como a melhor expressão da aspiração e objecto de uma verdadeira educação, designadamente para o perfeito equilíbrio de todas as faculdades: físicas, mentais e espirituais – numa só palavra: carácter”.<sup>(8)</sup>

Em Lomaland (ver o quadro), as crianças que começaram a aprender a ler foram instruídos nesta ideia fundamental: “Ajudar e partilhar, é nisso que consiste a fraternidade”.<sup>(5)</sup> O foco na ajuda e na partilha cria uma atmosfera na qual cada um conta e que pode trazer uma contribuição única para o crescimento harmónico do todo (nas mais nobres qualidades).

Também nas escolas holandeses actuais encontramos exemplos onde a cooperação fraternal é vista como um pilar da educação. A escola “Wings Agora” em Roermond, por exemplo, trabalha activamente para edificar uma boa atmosfera para a cooperação. Essa escola considera importante que as crianças aprendam como contribuir activamente para uma vida melhor para os outros, mas também para com a natureza e com a terra.<sup>(9)</sup> Neste exemplo, é claro que há uma perspectiva de incorporar a escola na sociedade e na natureza. A educação em Agora está agora espalhada em mais de vinte escolas.<sup>(10)</sup>

## O papel dos professores e dos pais

Os professores têm a importante tarefa de criar a atmosfera apropriada. Isso requer evidentemente certas qualidades. Acima de tudo, eles são exemplos vivos e devem possuir qualidades de amor, de entusiasmo e educativas, que eles usam para ajudar a exteriorizar as qualidades interiores da criança.

Em aditamento, é importante que a cooperação para construir a atmosfera não se verifique apenas no interior da escola. Os pais também têm um importante papel a desempenhar. É importante que eles estejam activamente envolvidos na escola e cooperem com os professores. Na sociedade de hoje, vemos frequentemente a educação ser empurrada para a escola. Isto cria um hiato no ambiente onde a criança está a crescer. Vive-se em mundos separados, que não se entrelaçam harmoniosamente e recebem-se exemplos e mensagens conflitivos durante o crescimento. Quando os pais e os professores têm um bom entrosamento, as crianças beneficiam. A perspectiva

da visão da educação do Agora acima mencionada inclui a ideia de um provérbio africano: “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”. Dentro destas escolas, os pais têm um papel activo e visível. Eles contribuem para o conhecimento social e fecham o círculo à volta do aluno. O conteúdo do currículo é também importante. Se as crianças recebem um currículo suficientemente variado, em aditamento aos temas cognitivos, uma ampla atenção para, por exemplo, a criatividade, a música, o teatro, a investigação independente e a filosofia, isto contribui para um bom clima de aprendizagem na qual todas as facetas da criança são consideradas. Na educação do Agora mencionada, “o mundo é a fonte da aprendizagem equilibrada do conteúdo e competências a ser adquiridas”. Na base do desenvolvimento e crescimento de cada criança, a atenção foca-se na exploração de cinco mundos: científico, artístico, cívico, ético/social e espiritual. Aqui, portanto, está a ser construída uma ponte para a sociedade através do conteúdo educativo. O encorajamento da investigação independente é um aspecto ao qual voltaremos numa secção subsequente de pensamento independente.

### **Colaboração entre alunos**

Além da cooperação entre professores e pais, é evidentemente importante que os alunos aprendam a cooperar entre si. Aqui, uma chave importante consiste em as crianças aprenderem a tratar com as diferenças e que possam fazer uso delas. Isto pode ser introduzido de diferentes maneiras na educação. Uma delas é emparelhar os alunos que se ajudam uns aos outros no processo de aprendizagem.

Alguma coisa parecida está a ser feita nas escolas primárias de Montessori, nos Países Baixos. Há três níveis de grupos: o nível mais baixo (níveis 1 e 2), o nível do meio (níveis 3, 4 e 5) e o nível mais elevado (6, 7 e 8). Deste modo, cada criança pertence sucessivamente aos grupos dos mais novos, aos do meio e aos mais velhos. Além disso, as crianças dos níveis mais baixos visitam os do meio e os do meio visitam os mais elevados. Os alunos mais velhos ajudam então os mais novos.

Algo parecido com isto foi feito também na educação de Rāja-Yoga Lomaland. É uma elaboração prática do princípio professor-aluno. Nós somos todos professores e alunos.

A atmosfera de fraternidade e de mútua cooperação é um treino para que as diferentes facetas da consciência funcionem harmonicamente. Por causa desta cooperação, somos desafiados e podemos aprender a deixar que as mais elevadas facetas da consciência possam liderar (tomando

também o exemplo dos pais e dos professores que têm essa mentalidade). Em resumo, a cooperação como treino para manter a paz interior em todas as situações.

Na secção de resolução de conflitos entramos um pouco em detalhes sobre a importância da cooperação e da aprendizagem de como lidar com as diferenças. Primeiramente, abordaremos o desenvolvimento do discernimento.

### **Pensar independentemente**

Um pilar para o desenvolvimento é saber pensar com independência. Isto inclui ensinar a criança a fazer perguntas, envolver-se no diálogo e investigar as coisas. Isto conduz ao discernimento e previne assumir os acontecimentos sem critério e viver a partir de motivos inconscientes.

#### **Janus Korczac**

Um exemplo histórico é a maneira como Janus Korczac configura a educação numa escola judaica na Polónia. Janus Korczac (pseudónimo de Henrik Goldsmith, 1878-1942) foi pediatra, pedagogo e escritor.<sup>(9)</sup> Fundou numerosos orfanatos e criou uma comunidade na qual a responsabilidade e os direitos da criança eram garantidos e encorajados tanto quanto possível. Os seus orfanatos foram ocasionalmente descritos como “Repúblicas das crianças”. Cada criança – ele ou ela – tem os seus próprios trabalhos no orfanato; as crianças ajudam-se umas às outras. Por exemplo, as ideias básicas de Korczac são: “as crianças são seres humanos completos que podem tomar iniciativas e responsabilidades”. Elas não deviam “ser formatadas de acordo com as ideias dos adultos, antes o desenvolvimento devia vir de dentro e devia ser dado espaço para isso”. Ele achava que devia haver harmonia na vida diária e que as crianças não se deviam magoar umas às outras. Em aditamento ao Parlamento das crianças, havia também um Tribunal das crianças, na qual elas participavam, pensando sobre “uma punição justa a ser aplicada a alguém” ou, por outras palavras, como é que se poderia reparar uma criança por ter praticado uma acção incorrecta.

O trabalho e as ideias de Korczak continuam a inspirar psicólogos e educadores progressistas hoje em dia e ele é considerado um precursor no campo dos direitos das crianças.

Aqui, um elemento crucial é o desenvolvimento do auto conhecimento. Isso traduz-se, antes de tudo, na compreensão de como o pensamento trabalha. E o *verdadeiro* pensamento independente é actualmente sinónimo de paz interior. Consiste em aprender a reconhecer e distinguir as diferentes vias do pensamento dentro de nós próprios e saber como focar isso conscientemente. Há muitos tipos de pensamento na nossa sociedade, que são assumidos inconscientemente como verdadeiros por largos grupos de pessoas. Em várias escolas onde a educação para a paz é implementada, aprender a pensar independentemente é crucial. Isto quer dizer que uma criança deve aprender a pensar independentemente e saber distinguir entre uma verdade e uma opinião ou uma falácia. O exemplo seguinte de uma escola primária no Norte da Irlanda ilustra os efeitos benéficos que isto pode ter na nossa sociedade polarizada. Há uma forte divisão religiosa no Norte da Irlanda que tem conduzido a um conflito sangrento. Até aos dias de hoje, as crianças são criadas desde cedo com ideias polarizadas acerca do “outro”. Na escola primária *Holy Cross Boys (Rapazes da Cruz Sagrada)*, em Belfast, trabalha-se activamente para ensinar o pensamento independente e desmascarar ficções. Usando a sabedoria dos antigos filósofos gregos, é encorajado o pensamento crítico nas crianças. Isso ajuda-os a ver para além das fronteiras e limitações das suas próprias comunidades. Os alunos experienciam como a filosofia pode encorajá-los a questionar a inutilidade da guerra e da violência e a questionar as histórias que eles ouvem dos seus pais e pares. O documentário *Young Plato (Jovem Platão)* pinta um quadro maravilhoso da prática diária nesta escola.<sup>(10)</sup> Se um aluno entra em conflito, ele é convidado para a filosofia da escola. Aí ele é ajudado pelo

#### Praticarndo com os Pāramitās na aula

Um exemplo de material para ensinar as crianças a conhecerem-se elas próprias e a desenvolver a sociabilidade é o trabalho de Douwe Hoitsma, que trabalha sob a inspiração do Budismo. Ele escreveu dois livros para crianças. Um é acerca de “Seis Meios Hábeis” ou Pāramitās e outro acerca das qualidades do coração, ou Brahma Vihāra. Isto é material para as crianças jovens ganharem perspectivas em diferentes “eus” dentro deles próprios (e de outros). Por exemplo, há exercícios de “serem felizes uns para com os outros” e “para cada outro”. (Isto é Muditā, bondade amorosa) e ajudando os outros, (isto é Karunā, compaixão). As ajudas no ensino são utilizadas em diversas escolas primárias. Uma, como trabalho, envolve um professor que costuma cantar para criar uma atmosfera de cooperação, por exemplo, recitando “pertencemos uns aos outros”. E há materiais para os alunos explorarem e experimentarem eles próprios.<sup>(11)</sup>

professor a reflectir no incidente, usando, por exemplo, o método socrático. Deste modo, é lançado um alicerce para um futuro mais pacífico neste país atormentado pelo ódio e pela violência.

Um elemento importante para aprender a pensar independentemente consiste em discutir um certo assunto uns com os outros. Em resultado disso, as crianças aprendem a trabalhar em conjunto, compartilhando as suas perspectivas e chegando em conjunto a uma compreensão



Estudantes da *University of Peace*, Costa Rica.

mais rica e melhor. Acrescentando, eles enriquecem-se uns aos outros, interrogando-se reciprocamente. Deste modo, é também importante no processo de aprendizagem de pensar independentemente que haja uma atmosfera de fraternidade, entusiasmo e encorajamento. E nessa atmosfera de respeito mútuo também pode ser descoberta a aprendizagem de lidar com diferenças de perspectiva numa atmosfera de aprendizagem segura.

### **Aprendendo a resolver conflitos de forma sustentável**

Muitos programas de educação para a paz põem ênfase nas técnicas de resolução de conflitos. Numa sociedade ideal, os conflitos não deveriam acontecer e, portanto, não haveria necessidade de os resolver. Não se trata disso agora, porque há uma grande necessidade de mediação e resolução de conflitos. À luz da perspectiva teosófica de educação no nível mais elevado, há um risco de controlo excessivo. Diz-se facilmente que se as crianças aprenderem a resolver os seus conflitos quando são pequenas, pô-lo-ão em prática quando crescerem. No entanto, se as crianças aprendem isto numa miscigenação básica de crenças, isso não conduz a uma paz sustentável. Os pensamentos de que a criança está rodeada, e que criam toda a espécie de tensões, incluem a “competição”, “o direito do mais forte”, e a ideia que você só vive uma vez, etc. Isto causa uma confusão no ser humano e no mundo e torna difícil para a criança aprender a lidar com as diferenças e cooperar. E naturalmente isto também cria áreas de tensão no pátio da escola, no campo de jogos e na situação em casa, quando a criança é confrontada com diferentes mundos de pensamento, com os seus particulares elencos de valores. A essência da aprendizagem para lidar de forma duradoura

com as diferenças está radicada na ideia de unidade. Quando as crianças aprendem a proceder de acordo com uma essencial unidade, elas aprendem a sentir-se bem. Isto é também necessário na mediação.<sup>(12)</sup> Algumas escolas têm mediadores crianças, as quais ajudam a resolver conflitos ocorridos na escola ou no pátio. Atingir um resultado sustentável na mediação requer actualmente tudo o que temos abordado nas secções anteriores, isto é:

- Activar e fazer com que todas as facetas do ser humano trabalhem harmoniosamente. De modo a que as “mais elevadas” e “nobres” facetas controlem as “mais baixas” e “instintivas”.
- Aprender a cooperar numa atmosfera fraternal de essencial igualdade, onde sejam essenciais a ajuda recíproca e a contribuição para a sociedade.
- Aprender a pensar independentemente, levando em conta o discernimento para evitar que os jovens adoptem ideias escravizantes e tendências impulsivas.

### **O que aprende-se na juventude permanece para toda a vida**

E assim voltámos atrás à essência da educação, tal como é representada na Teosofia. No seu âmbito, isto é sinónimo de educação para a paz. Como este artigo mostra, há muitas iniciativas para implementar a educação para a paz nas escolas. Isto é feito algumas vezes numa base fragmentada e por isso ainda tem de ganhar em eficácia. A Teosofia oferece-nos algumas ideias fundamentais para construir a educação para a paz de uma forma coesa e na atmosfera certa.

A paz interior chega quando as várias facetas da consciência funcionam harmonicamente. E o verdadeiro pensamento

#### **Alguns exemplos de educação para a paz**

Um bom exemplo da educação holandês é o *Programa de educação para a paz* que tem sido introduzido em cerca de mil escolas. Isto “é um programa completo para as escolas primárias para a competência social e cidadania democrática. Considera a classe e a escola como uma comunidade viva, na qual as crianças se sentem vistas e ouvidas, recebem uma voz e na qual as crianças aprendem a tomar uma decisão em conjunto e a resolver conflitos. As crianças sentem-se responsáveis uns para com os outros e para com a comunidade e estão abertas às diferenças entre as pessoas”.<sup>(13)</sup> Esta concepção não pára nos limites da escola porque os pais são também activamente envolvidos.

Há também educação para a paz para os adultos. Uma escola internacional especializada na educação para a paz é a “Universidade para a paz”, na Costa Rica.<sup>(14)</sup> Tem delegações em diversas partes do mundo. No seu currículo incluem-se programas de mestrado para pessoas que trabalham em relações internacionais, para a paz e para a mediação de conflitos.

independente é actualmente sinónimo de paz interior. É a aprender a reconhecer e a distinguir as diferentes formas de pensamento dentro de si próprio e saber como focalizá-las conscientemente. No nosso interior, somos todos, tanto guardiões, como fazedores da paz e a verdadeira educação humana pretende trazer isso para fora. Quando as crianças recebem uma educação para a paz desde tenra idade, elas tornam-se resilientes e contribuem naturalmente para uma cooperação pacífica.

## Referências

---

1. *Paz duradoura*, artigo em *Lúcifer, o Portador da Luz*, nr. 2/3, Setembro de 2022, pág. 149 (Cada homem é um pacifista).
2. Katherine Tingley, *The Wisdom of the Haert (Sabedoria do Coração)*, São Diego, Publicações Point Loma, 1978, pág. 93 - 94. Última edição autorizada: <https://blavatskyhouse.org/reading/katherine-tingley/the-wisdom-of-the-heart/>.
3. Vicent Hao Ching Jr, *On Education (Na Educação)*, Instituto Teosófico das Filipinas, 2007 pág 29.
4. Ver. ref 1.
5. 5Rāja-Yoga First Reader, educational material from Point Loma, 1902, p. 6.1902, pág. 6.
6. E A Greenwalt, *Califórnia Utopia*, Point Loma, 1897-1942, segunda edição revista, São Diego, Publicações Point Loma, 1978.
7. *Rāja-Yoga education of the Reincarnating Child. Lucifer – the Lightbringer*, number 2, November 2015 (I.S.I.S. symposium), [https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer\\_EN/lucifer-en-2015-2-symposium.pdf](https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_EN/lucifer-en-2015-2-symposium.pdf).
8. Ver ref. 2 pág. 94.
9. Existe a Associação Janus Korczack em vários países, por exemplo nos EUA. <https://korczakusa.com/>.
10. Documentário *Young Plato (Jovem Platão)* 2021: <https://www.imdh.com/title/tt14683452/>.
11. Douwe Hoitsma, *Zes waardevolle vrienden (Seis amigos válidos)*, Voorburg, Asoka, 2017. Douwe Hoitsma, *De vier hartsvrienden. Leven vanuit je hart. (Os quatro amigos do coração. Viva a partir do coração)* sobre “Brahma Vihāra”. Voorburg, Asoka, 2014. Publicado em inglês sobre o título: *The Friendly Four, Living with happiness in your heart*.
12. *Mediação baseada na unidade*, artigo em *Lúcifer, o Portador da Luz*, Setembro 2022, pág. 139-144 (Cada homem é um pacifista).
13. Citação retirada do Website holandês: <https://www.vreedzame.school/>.
14. University for Peace, Costa Rica. <https://www.upeace.org/>.



Segundo o investigador Itay Shani, todos os seres individuais nascem num campo de consciência omnipresente, tal como os remoinhos surgem num oceano.

### Pensamentos-chave

» Um pequeno mas crescente grupo de cientistas está explorando a ideia de que a consciência é a base da natureza. Alguns deles assumem que a consciência cósmica é a fonte de todos os seres.

» Estes pioneiros estão tentando encontrar alternativas às actuais teorias científicas materialistas: teorias que já não se revelam satisfatórias.

» Por vezes, retiram as suas ideias dos escritos dos grandes pensadores filosóficos do passado.

» O seu trabalho pioneiro pode ter um impacto duradouro no futuro da ciência.

# Cosmopsyquismo

**Alguns cientistas investigam a tese de que a consciência cósmica é a base da natureza. São pioneiros num campo de investigação em que poucos cientistas modernos entraram. Que ideias estão desenvolvendo? E que pensamentos teosóficos podem complementar os seus pontos de vista?**

## Desenvolvimentos interessantes...

Nos últimos cinquenta anos, tem havido um círculo crescente de cientistas a discutir “o que é a consciência”. Várias universidades criaram departamentos de investigação com este objetivo. Estes investigadores acreditam que a ciência não pode ignorar algo que faz parte integrante da vida de todos os seres humanos, incluindo os próprios cientistas. E esta é a questão: o que é a consciência?

A maioria das tentativas feitas para quebrar este osso duro de roer – para resolver esta questão fundamental – procura a origem da consciência em mecanismos materiais. Por exemplo, que a consciência poderia ser produzida por redes de células nervosas, ou por microestruturas nas células, ou por processos de mecânica quântica em partículas atómicas.

Por vezes, a solução do enigma é procurada em abordagens abstractas. Por exemplo, tenta-se identificar a consciência com o “processamento de informação”, para se poder fazer comparações com os computadores e todos os outros sistemas em que se trocam informações. Outra aborda-

gem abstracta é a “teoria dos sistemas”. A consciência seria então um “sistema de autorregulação e auto-aprendizagem”, semelhante à inteligência artificial. Mas quem processa essa informação, ou quem se está a regular a si próprio, continua a ser uma questão em aberto. As teorias dizem pouco sobre o carácter intrínseco da consciência, mas apenas sobre algumas das suas propriedades.

## As ideias universais estão a ser retomadas

No seio do grupo de investigadores da consciência, existe um círculo menor que explora a ideia de que a consciência é o fator fundamental e não os cérebros físicos ou os átomos físicos. Podemos ver este desenvolvimento como um ressurgimento das ideias teosóficas universais que foram ensinadas em todas as grandes filosofias e religiões do passado, e que têm sido difundidas, desde 1875, pelo Movimento Teosófico. No século XIX, na Europa, alguns filósofos, incluindo os chamados “idealistas”, colocaram a consciência em primeiro lugar. A maioria deles derivou as suas ideias dos pensadores

clássicos gregos e romanos e, por vezes, também dos textos sagrados da Índia, que se tornaram disponíveis no Ocidente no século XIX. Infelizmente, as ideias destes pensadores tiveram pouco impacto na mentalidade geral durante esse século. O século XIX foi um período de ganhos económicos excessivos, de lutas contínuas por territórios e recursos e de um sectarismo rígido.

No século XX, houve alguns cientistas progressistas que consideraram a consciência como mais fundamental do que a substância. Citamos alguns deles: Max Planck, Sir Arthur Eddington, Conrad Hal Waddington, Ervin László e Rupert Sheldrake. Estes cientistas contrariaram a tendência fortemente materialista do século XX – uma tendência que só foi gradualmente questionada de forma séria por volta da década de 1970.

O termo atualmente mais utilizado para representar a ideia de que a consciência lidera e a matéria segue, é o panpsiquismo, que significa: tudo (“pan”) é animado (“psyche” significa consciência egóica). Alguns dos principais defensores do panpsiquismo nos últimos cinquenta anos incluem: David Chalmers (que foi um dos pioneiros), David Ray Griffin, David Clarke, Freya Mathews (que retira as suas ideias de Schopenhauer), Galen Strawson e Donald Hoffman.

Testam as suas propostas com uma abordagem descendente: partem da tese principal e depois investigam se as suas consequências lógicas podem responder a algumas questões filosóficas e científicas importantes. Este método dedutivo, a que no Ocidente chamamos frequentemente método platónico, é uma abordagem muito valiosa. Porque cada pessoa, cientista ou não, pode assim testar de forma independente um pressuposto básico.

### **A consciência cósmica como base de tudo**

Dentro do grupo de cientistas com visões de panpsiquismo, há alguns que assumem a consciência cósmica como a base de tudo. Essa posição é geralmente chamada de cosmopsiquismo. A ideia é que uma consciência cósmica onipresente é a fonte última de todas as consciências individuais.<sup>(1)</sup> Entre os pesquisadores que seguem essa direção estão Itay Shani, Bernardo Kastrup, Andrew Lohrey, Bruce Boreham, Joachim Keppler, Philip Goff, Freya Mathews, Ludwig Jaskolla, Alexander J. Buck, Yujin Nagasawa e Khai Wager.

A propósito: nenhum autor tem a pretensão de esboçar uma visão de mundo completa – o que de fato seria uma ambição sobre-humana. O que é interessante é a direção em que esses autores pensam. Suas visões atuais podem ser

vistas como tentativas, que podem ser reformadas nos próximos anos.

Interessantes são os pensamentos de Andrew Lohrey e Bruce Boreham. Juntos, eles escreveram um artigo intitulado: *The nonlocal universe* (O universo não local).<sup>(2)</sup>

Eles apresentam uma visão na qual sentido, mente e consciência cósmica abrangente são os fundamentos.

Gostariamos agora de dar atenção a duas outras teorias: a de Itay Shani e a de Bernardo Kastrup. Shani é um verdadeiro representante do cosmopsiquismo. Kastrup tem uma teoria que tem algumas características em comum com o cosmopsiquismo, mas também difere dele. Por isso, Kastrup prefere chamar sua visão de “idealismo” em vez de “cosmopsychism”. Escolhemos essas duas teorias porque ambas dão alguns passos em direção às ideias básicas da Teosofia.

### **Os pontos de vista de Itay Shani**

Itay Shani parte inteiramente de uma visão de cosmopsiquismo. Ele a define da seguinte forma: o cosmos (visto como um todo abrangente) é consciente e é o único fundamento de tudo o que existe. Às vezes, ele coloca da seguinte forma: há um “campo onipresente de consciência” no qual todo ser manifestado tem sua origem e existência temporária. Shani não esconde o fato de que suas ideias derivam em parte do Vedânta hindu e do Budismo. De fato, ele defende abertamente uma ciência integrada:

*O que é necessário, afirmamos, é uma nova perspectiva.*

*Que inclua a consciência e a dimensão intrínseca das coisas, mas que, ao mesmo tempo, seja receptiva a descobertas objetivas e a análises rigorosas com base científica. Nesse aspecto, a contribuição da filosofia é vital. A busca da filosofia é extremamente abrangente, pois procura entender a realidade como um todo.*<sup>(3)</sup>

Não descreveremos suas visões atuais em detalhes, mas apenas suas linhas gerais. Nessas linhas gerais, reconhecemos algumas semelhanças com a Theosophia, que é a sabedoria universal de todos os mestres espirituais da humanidade. Mas esse não é o caso quando começamos a examinar os detalhes de seus pontos de vista, que Shani deriva da teoria quântica. Portanto, escolhemos apenas algumas declarações gerais altamente interessantes feitas por Shani.

### **Shani sobre como Uno se torna o múltiplo**

O campo cósmico, argumenta ele, carrega em si todas as características possíveis, ou seja, todos os aspectos possíveis

da consciência. Ele compara essas diferentes características com cores, com uma paleta de cores e suas frequências correspondentes. Todas as frequências estão contidas. É por isso que essa variedade pode ser vista em seres individuais, cada ser expressando uma parte, uma seleção da paleta total.

O quadro que Shani esboça sobre o surgimento das consciências individuais dentro desse campo é um tanto vago. Ele diz que pode ser comparado ao surgimento de vórtices em um oceano imensurável. Esse ponto se aproxima um pouco da Teosofia: em sua essência, todo ser é uma gota de vida ilimitada e, portanto, tem as mesmas potências ilimitadas que o próprio Oceano da Vida ilimitado. Assim como cada gota de água e cada redemoinho de água carrega em si todas as propriedades do oceano do qual faz parte. O que nós – até onde podemos verificar agora – não encontramos nas visões de Shani é a ideia teosófica básica de que cada centro de consciência sempre existiu e sempre continuará a existir.<sup>(4)</sup> Assim, os seres dentro do campo cósmico não são criações de uma consciência cósmica, mas são seres que evoluem independentemente. Todos eles são eternos, não criados. Eles desenvolvem suas capacidades durante uma série interminável de renascimentos. E, de facto, cada entidade que renasce no mundo exterior emana do seu próprio núcleo um “campo de força” que influencia o seu ambiente. Esse campo de força pode ser descrito como um vórtice, um redemoinho, se preferirem o símbolo. Este vórtice existe até que este ser individual se retire novamente para os reinos interiores, em suma, até que “morra”. A sua cooperação com todos os seres inferiores que constituem o seu corpo cessa então temporariamente, e todos esses seres inferiores seguem os seus próprios caminhos. O “redemoinho” desintegra-se e os seus elementos espalham-se novamente no Oceano da Vida.

### **Shani sobre os dois pólos da existência**

Outro elemento fundamental da visão de Shani é que o campo cósmico da consciência carrega em si dois aspectos. Ele tem dois pólos, um pólo consciente interno e um pólo mais material. Estes dois pólos expressam-se no cosmos manifestado, que mostra um lado consciente e uma natureza física. Esses pólos também se expressam em cada ser individual dentro desse cosmos. Pois cada ser tem também uma consciência e um lado material.

Também encontramos esta ideia básica na filosofia hindu, nos dois termos Parabrahman y Mūlaprakṛiti. Numa das suas publicações, Shani refere-se a esta fonte.<sup>(5)</sup>

Estes dois pólos cooperam, o que significa que estão sintonizados um com o outro de uma certa forma. Por vezes, Shani parece dizer: um corpo material é uma projeção da consciência. Noutros lugares ele dá uma descrição em que o corpo físico existe primeiro, com as suas frequências características, e depois atrai para si “aspectos de consciência” do campo cósmico com as mesmas frequências.<sup>(6)</sup> O que é causa e o que é efeito continua a não ser claro.

Segundo a Teosofia, a nossa consciência é a causa, é o fator principal, e os seus instrumentos materiais, os veículos, são os efeitos. Cada consciência humana que renasce, atrai seres celulares e atômicos adequados ao seu próprio carácter, que gradualmente constroem o seu corpo físico. Assim, o nosso corpo (que é constituído por muitos seres) reflecte o nosso carácter.

Shani parece ainda dizer que a matéria é “não-viva”, não-consciente. Isso contrasta com a Teosofia, que assume que tudo está vivo, que tudo é parte da Vida Sem Limites. Espírito (os seres relativamente mais desenvolvidos) e matéria (os seres relativamente menos desenvolvidos) são os dois pólos da mesma Vida UNA Cósmica.

### **Que dimensão pode a Teosofia acrescentar a este quadro?**

A imagem de Shani não inclui ideias teosóficas básicas, como a estrutura hierárquica do cosmos. Em Teosofia, nunca falaríamos de uma consciência cósmica como “omnipresente sem limites”, mas como o ápice da sua própria hierarquia de seres, compreendendo não mais do que um cosmos (entre muitos). Cada cosmos é parte de um cosmos ainda maior. É, por assim dizer, uma “célula viva” dentro desse ser maior. Também na nossa constituição humana vivem numerosos seres menos desenvolvidos; nós, egos humanos, somos também seres cósmicos para eles. E este mesmo princípio aplica-se a um ser atômico, que é a cabeça ou o vértice de um microcosmos, um micro sistema solar. Vida dentro da vida...

Portanto, nós, seres humanos, somos um microcosmos. Isto significa que, em princípio, transportamos dentro de nós todas as faculdades, forças e substâncias cósmicas, quer já tenham sido desenvolvidas ou não. E que, portanto, possuímos mais do que apenas um subconjunto das propriedades do cosmos (como diz Shani).

### **A visão de Bernardo Kastrup**

Na visão de Kastrup, há também uma consciência cósmica abrangente.<sup>(7)</sup> Mas ele dá outra definição de “consciência individual” que Shani. Faz uma analogia

entre a origem cósmica das entidades individuais e – o que pode parecer um pouco surpreendente – uma perturbação psicológica específica, a perturbação dissociativa da identidade. As pessoas com esta perturbação trocam regularmente de identidade. Quando a sua consciência coincide com uma dessas personalidades, parecem pensar, sentir e agir de acordo com o padrão dessa personalidade, em todos os aspectos. Estas personalidades alternadas parecem existir independentemente umas das outras, embora todas elas provenham de uma única psique.

São conhecidos alguns exemplos extremos de perturbação dissociativa da identidade. Por exemplo, havia uma mulher alemã em que uma das suas personalidades era cega, enquanto as outras conseguiam ver. Quando era dominada pela personalidade cega, não via de facto. Quando ela foi submetida a um exame cerebral durante esses períodos, os médicos puderam ver que todas as regiões do cérebro que normalmente estão activas na visão, estavam temporariamente desligadas, ou seja, completamente inactivas.

Os psicólogos chamam por vezes a estas várias personalidades alter egos. Kastrup adotou esse termo. Todas as consciências individuais, segundo ele, são alter egos da única consciência cósmica. Diferentemente do distúrbio dissociativo de identidade, estamos agora a lidar com alter egos que existem simultaneamente, e que são incontáveis em número. E todos esses indivíduos são temporários, de acordo com Kastrup: eles vêm e vão.

Kastrup argumenta que uma entidade individual não tem consciência independente, mas É essa consciência cósmica, expressando-se como um alter ego durante algum tempo. É como uma lâmpada a brilhar através de um abajur com muitos buracos. Kastrup considera que cada ser é um aspeto temporário da consciência cósmica única, mostrando uma pequena parte de todas as características da consciência cósmica.

Este ponto de vista é bastante diferente do da Teosofia. De acordo com esta última, cada ser é um centro eterno de consciência. Ele é ilimitado em seu núcleo, portanto, nunca foi criado. Existe, por assim dizer, “em si mesmo”: tem a sua própria consciência – embora inseparavelmente ligado a todos os outros seres. Isto aplica-se a todos os seres: a um ser cósmico, a um ser humano e, por exemplo, a um ser atómico. Todos os seres individuais são centros de consciência que se desenvolvem de forma independente, em diferentes degraus da escada da evolução espiritual. Cada ser desenvolve as suas próprias características. Não devemos o nosso carácter a outro ser, por exemplo, a um ser cósmico.

## **A visão de Kastrup sobre a natureza animada e inanimada**

Para Kastrup, só o homem, os animais, as plantas e os seres unicelulares têm uma consciência singular. Segundo ele, os minerais e os átomos são insensíveis, isto é, não são movidos por uma consciência singular, porque não é fácil indicar a fronteira exacta entre uma entidade e outra no reino mineral. Muitas vezes parecem funcionar como uma só massa, como um só fluxo. Por isso, ele diz que os seres minerais não são “alter egos”.

Se isto é verdade, como é que Kastrup explica a origem dos minerais, da natureza física? Segundo ele, todas as formas externas e coisas físicas só existem dentro da consciência cósmica – e, portanto, também dentro da consciência de todos os seus “alter egos”. Neste ponto, Kastrup é um idealista absoluto. Ele argumenta que o mundo externo não existe, mas apenas parece existir. Parece existir apenas dentro de uma consciência, comparável a imagens na nossa mente, sem qualquer objetividade.

Para dizer de outra forma: na filosofia de Kastrup, há consciência mas não há matéria, há seres conscientes mas não há veículos materiais através dos quais esses seres atuam. Enquanto na Teosofia, o espírito e a matéria, o lado da consciência e o lado da matéria, são as raízes inseparáveis e necessárias de todas as coisas manifestadas. Exatamente como Shani disse.

Nós também assumimos que o mundo externo é, em certo sentido, uma aparência ilusória. Mas então não queremos dizer que ele não existe, mas que apenas vemos a sua aparência exterior, e não as forças causais que actuam por detrás dele. Isto faz-nos perder o rumo do pensamento. Para compreendermos corretamente o que vemos, temos de aprender a compreender o verdadeiro ser que está por detrás. Esta visão é chamada em filosofia de idealismo objetivo, em contraste com o idealismo absoluto.

Kastrup nega assim aos minerais e aos átomos não só a consciência, mas também qualquer existência real. Segundo a Teosofia, tudo vive, sem exceção, também os seres minerais e atómicos. Aquilo a que chamamos átomos, ou partículas atómicas, são os corpos de seres com uma consciência – neste caso muito pouco desenvolvida.

## **Kastrup sobre a relação entre os alter egos e o todo**

Quando Kastrup discute em seguida a questão de saber por que razão todos estes alter egos, com todas as suas personalidades diversas, experimentam o mundo exterior, em geral, como um único e mesmo mundo, ele desenvolve

uma linha de raciocínio na qual existe uma interação entre a consciência cósmica única e todos os seus alter egos. Porque todos nós vivemos no mesmo “oceano”, experimentamos o universo da mesma forma: todos nós experimentamos as mesmas leis de movimento, as mesmas leis eletromagnéticas e assim por diante.

Aqui, a visão de Kastrup tem uma dimensão ética. Todos os alter egos estão divididos por uma espécie de fronteiras. Vivem na sua própria zona. Isto dá a cada um deles a impressão de ser um “eu” separado. Mas, diz Kastrup, eles não estão separados uns dos outros e da consciência cósmica, mas apenas vivem sob a suposição – ilusão – de que estão. E podem ver através dessa ilusão, ao compreenderem que fazem parte de algo maior do que eles próprios. Esta ideia básica parece alinhar-se, até certo ponto, com a mensagem de todos os sábios, da Theosophia universal, ou seja, que existem laços inseparáveis entre todos os seres vivos, por mais ou menos desenvolvidos que sejam.

### **Que dimensão pode a Teosofia acrescentar às ideias de Kastrup?**

Como já dissemos com a teoria de Shani, do ponto de vista da Teosofia é impossível criar um ser. Portanto, o ponto de partida básico das visões de Shani e Kastrup parece assemelhar-se à visão da igreja ortodoxa, de que uma Divindade onipotente cria uma alma no nascimento de cada ser humano – sem explicar por que essa alma foi criada, e por que essa alma nasce com o caráter específico que tem.

### **Cosmopsiquismo e panpsiquismo**

As teorias do cosmopsiquismo são, como se disse, uma das variantes do panpsiquismo: a realidade assenta na consciência. Outras variantes do panpsiquismo foram também propostas por diversos investigadores. Um grupo delas é descrito muito brevemente na nota de rodapé 8.<sup>(8)</sup> Não entraremos em detalhes sobre essas ideias agora, porque a maioria delas está muito distante das ideias básicas da Teosofia.

### **Promissor**

Consideramos importante discutir a busca destes cientistas pela origem da consciência, porque expressa uma atitude científica com uma mente muito aberta: os investigadores discutem seriamente o valor das proposições básicas da oria científica atual, e ousam sugerir alternativas. Além disso, e talvez o mais importante a dizer ao terminar esta resenha: pensadores como Kastrup estão conscientes de

que as suas ideias estão intimamente ligadas à ética. Todos os mestres da sabedoria universal salientam que o nosso sentido ético assenta no facto de todos os seres serem, na sua essência, UM. Que todos os seres estão fundamentalmente ligados e são iguais. E é precisamente nesta direção que alguns destes cientistas estão pensando.

---

### **Referências**

1. I. Shani, “Cosmopsychism: A holistic approach to the metaphysics of experience”. Artigo em: *Philosophical Papers*, volume 44, numero 3, Novembro 17, 2015, Taylor Francis online.
2. A. Lohrey e B. Boreham, “The nonlocal universe”. Artigo em: *Communicative and Integrative Biology*, volume 13, numero 1, 2020, p. 147-159.
3. J. Keppler and I. Shani, “Cosmopsychism and consciousness research: A fresh view on the causal mechanisms underlying phenomenal states”. Artigo em: *Frontiers in Psychology*, volume 11, artigo 371, Marte 2020, p. 2.
4. H.P. Blavatsky, *The Secret Doctrine. Volume I (A Doutrina Secreta)* p. 17 (Edição inglês original).
5. J. Ganeri e I. Shani, “What Is Cosmopsychism?” Artigo in: *The Monist*, volume 105, 2022, p. 1-5.
6. Ver ref. 3, p. 3 e 4.
7. B. Kastrup, “The Universe in Consciousness”. Artigo em: *Journal of Consciousness Studies*, volume 25, numero 5-6, 2018, p. 125-155. Fonte: <https://philpapers.org/archive/KASTUI.pdf>, visitado em 16 de março de 2023.
8. Uma variante do panpsiquismo é o chamado micropansiquismo. Segundo este ponto de vista, a consciência fundamental é atribuída apenas a certas partículas elementares materiais. A consciência dos seres mais desenvolvidos, que têm corpos estruturados compostos por essas partículas, é vista como uma espécie de efeito de ordem superior da interação de todas essas micro-consciências. Vista desta forma, a nossa consciência humana não é um centro de consciência singular, mas a ação combinada de muitas consciências parciais. O nosso “eu”, a nossa individualidade, existe apenas aparentemente, apenas porque a experimentamos dessa forma. O micropansiquismo difere muito da Teosofia, que assume que cada ser é um ponto focal de consciência imperecível e autocontido.

# O valor da preciosa existência humana

## Pensamento-chave

» A nós cabe-nos escolher entre uma “mera existência humana” e uma “preciosa existência humana”.

No Budismo (tradição Mahāyāna) existe uma meditação básica, a que se seguem três outras, e que consiste em reflectir ou meditar sobre a preciosa existência humana. Mas que quer isto dizer? Não será que toda a existência é preciosa? Sim é verdade, mas há diferentes graus e significados de preciosidade e é isto que se pretende dizer.

Neste caso concreto, uma preciosa existência humana consiste numa existência em que o ser humano toma ou tem a consciência de que deve aproveitar a existência para desenvolver a parte mais nobre de si mesmo. Que deve mesmo desenvolver a consciência de que esse é o seu verdadeiro caminho e aquele que, em verdade, constitui a sua razão de existir.

Aquela corrente espiritual distingue entre uma preciosa existência humana de uma mera existência humana. Isto compreende-se. Para uma grande parte da humanidade, a existência consiste em tratar do dia a dia. Exercer uma profissão, comprar ou alugar casa, comer e dormir, constituir família, educar os filhos, divertir-se, envelhecer e, finalmente, morrer. Nisto consiste o que o Budismo chama uma mera existência humana.

Mas uma preciosa existência humana não nega que as tarefas atrás referidas sejam más ou desnecessárias. Só que todas elas devem estar subordinadas a um fim superior, que consiste em desenvolver progressivamente a parte mais elevada do ser humano, aquilo a que se pode chamar o seu Eu Superior. Tomando como ponto de partida que a vida física é transitória e que, cedo ou tarde, a morte nos bate à porta, a verdadeira vida consiste em desenvolver a prática da fraternidade universal e o cultivo dos mais nobres ideais. Cultivar a honestidade, a verdade, a humildade, o desprendimento dos bens materiais, a saúde, a prática sistemática e sempre crescente do Bem, mostrar uma compaixão sempre crescente pelos que sofrem e procurar diminuir os seus padecimentos. Procurar o caminho da Sabedoria, da arte de viver com simplicidade, renunciar ao consumismo, amar a Natureza e todos os animais. Cultivar o perdão e a tolerância, amar a paz e a harmonia, ou, como diz um filósofo americano, “viver, deixar viver e ajudar a viver”. Nesta perspectiva, subindo no caminho do Bem e da Sabedoria, o Ser Humano vai, degrau a degrau, escalando a via da paz e da libertação do sofrimento, próprio e alheio.

Bem diferente é aquela vida que chamámos a mera existência humana. Pior ainda são as vidas que a também vemos à nossa volta, que em pouco diferem das dos animais. Quando não são mesmo piores. Essas são as “meras existências humanas”. A confusão em que o mundo anda é bem a consequência dessas “meras vidas humanas”, onde a cada passo desponta o ódio, a cobiça, o egoísmo e todas as emoções doentias, que nos conduzem inexoravelmente à dor, à infelicidade, à doença, à fome e à guerra. A nós cabe-nos escolher entre uma “mera existência humana” e uma “preciosa existência humana”. Essa a grande diferença.



## Pensamentos-chave

- » Fröbel assume que há uma divina unidade interligando a vida e que existe uma essência divina dentro de todos os seres vivos.
- » Segundo Fröbel, a finalidade da educação consiste em desenvolver esta essência divina a partir do interior com uma actividade consciente e independente.
- » Com as crianças, isto deveria ser feito com jogos, dado que “o jogo é a única expressão livre da alma da criança”.
- » Envolvendo-a activamente nos temas universais, as crianças desenvolvem as suas faculdades universais em consonância com isso.
- » As ideias e os ideais de Fröbel não são únicos, mas enquadram-se perfeitamente numa tradição de pensadores iluminados, que já adquiriram *por si mesmos* mais da sabedoria universal ou Theosophia.

# A estrutura esotérica do jardim de infância de Fröbel

**Alguém está a mexer de uma forma um tanto desajeitada e sem compromisso: “você superou a idade do jardim de infância (*Kindergarten* em alemão) de qualquer maneira”, disseram eles. Porque o jardim de infância associa-se a ajustes sem sentido de manter as crianças um pouco ocupadas. Mas o tom depreciativo está muito errado. Porque se procurarmos a estrutura do jardim de infância, descobriremos que esse assim chamado “ajuste sem compromisso” não é de forma alguma complicado ou sem sentido.**

O conceito de jardim de infância foi criado por Frederico Fröbel. Em 1837, ele inaugurou o primeiro em Blankenburg. Até esta altura, havia centros de cuidados diários para crianças, mas o que tornou o jardim de infância uma realidade única é que Fröbel introduziu o elemento *educativo*. Num jardim de infância as crianças “podem crescer como as couves”. Através do crescimento, porém, Fröbel tinha em mente, não tanto o corpo, mas as capacidades internas da criança, o desenrolar interior daquilo que já está presente internamente.

## A Unidade Divina na Natureza

Na verdade, as teorias educacionais de Fröbel foram baseadas inteiramente na premissa de que há *uma unidade divina subjacente a toda a vida*. Fröbel assumiu que cada ser humano tinha uma essência divina, e que, portanto, um princípio fundamental na sua educação consistia em dar forma a

essa unidade divina no homem, através do treino espiritual. Ao activar as faculdades divinas essencialmente presentes nas crianças, conduz-se à exteriorização dessas faculdades divinas. No caso das crianças, segundo Fröbel, isto deve ser feito por meio de *jogos*, porque “o jogo é a mais elevada expressão na infância, porque só isso é a expressão livre do que está na alma da criança”.<sup>(1)</sup>

O jardim de infância era um lugar onde os pré-escolares podiam desenvolver as correspondentes qualidades universais neles próprios enquanto brincavam com os objectos e formas universais. A finalidade da educação – nas próprias palavras de Fröbel – “é estimular o homem como uma consciência pensante e ser inteligente, para uma perfeita e consciente representação da lei interna do Divino, e a educação deveria mostrar os caminhos e os meios para alcançar esse objectivo.”<sup>(2)</sup>

Para tal, Fröbel acrescenta mais: “O especial destino do homem, como ser dotado de razão, é trazer a sua consciência divina para a totalidade da consciência, para viver a sabedoria, para tornar clara a perspicácia, e ter isso de forma independente e operativa na sua própria vida”.<sup>(3)</sup>

### **Desenvolvimento interior através de estímulos externos**

Como foi referido acima, isto era para ser aplicado de uma forma brincalhona no jardim de infância. Neste caso, Fröbel concentra-se em três condições: um ambiente divertido, actividade própria das crianças e exercício físico. Diversão, para começar, porque o pré-requisito para começar requer uma motivação intrínseca. O desenvolvimento vem a partir de dentro e, portanto, só pode ter lugar quando a criança experimenta um estímulo interior e é atraído para isso. Nestas circunstâncias, a criança seguirá naturalmente para o trabalho, a auto-actividade é indispensável, segundo Fröbel. Daqui decorre uma auto-actividade pela qual a criança desenvolve a sua independência e força de vontade para se controlar a ela própria. Finalmente, o exercício físico serve para manter o equilíbrio entre a mente e o corpo.

Nas suas cerca de cinco centenas de páginas do trabalho da sua vida, Fröbel descreve em detalhe a sua visão, princípios e métodos.<sup>(4)</sup> Mas o princípio fundamental no qual o seu método se baseia é na interacção entre os estímulos externos e o desenvolvimento interno. Sendo inspirado pelo exterior e combinado pela auto eficiência da criança para interiorizar aquela inspiração exterior para a manter activa, por assim dizer. Fröbel fez isto por um lado oferecendo as formas universais, enquanto ao mesmo tempo deixava as crianças a trabalhar activamente com elas. Sendo a acima mencionada auto eficácia da criança uma condição necessária. A combinação destes dois aspectos, segundo Fröbel, era crucial em ordem a estimular as qualidades universais interiores das crianças, permitindo-lhes florescer. Ele distinguia os dois aspectos como “prendas” – sendo o objecto universal disponibilizado como “chamamentos”, com o sentido de “chamando para”, o entrelaçamento do objecto pela criança.

As primeiras três prendas infantis recebidas foram uma esfera, um cubo, e um cilindro.

#### **A esfera, o cubo e o cilindro**

“A realidade externa deve ser compreendida levemente na sua estrutura e leis internas”, disse Fröbel. E um dos melhores métodos para introduzir as crianças naquelas leis e estruturas universais através da diversão era a dobradura de papel de uma esfera, de um cilindro ou de um



Segundo Fröbel, as figuras geométricas fundamentais, como as esferas apelam às intuições universais das crianças pequenas.

cubo. Onde a esfera, o cilindro ou o cubo escolhem formas aleatoriamente, Fröbel considerava ser a esfera a forma mais universal e por essa razão era o primeiro elemento de “jogo” para as crianças pequenas. No seu livro Fröbel dedica páginas a isso, mas tendo em conta alguns pensamentos-chave, as esferas expressam que “a esfericidade é a primeira manifestação da diversidade que repousa na unidade e dela surge e do retorno de toda a diversidade à unidade.”<sup>(5)</sup>

Permitindo à criança entrar em contacto com isso, é encorajador manifestar unidade dentro dela própria, porque “isso age de acordo com a sua intuição e com a lei da esfericidade, expressa no seu comportamento essa relação que interiorizou e harmoniza portanto o ‘interior’ com o ‘exterior’(...) com o objectivo de atingir a unidade”.

Depois da esfera segue-se o cubo e o cilindro. E mesmo estas formas não foram arbitrariamente escolhidas. Fröbel olhou o cilindro como uma forma transitória, a conexão entre o espiritual ou dinâmico e o estático ou material, de que o cubo é um símbolo.

Gradualmente, em linha com o seu nível de desenvolvimento, é oferecida às crianças a assim chamada “caixa de prendas”, que contem formas geométricas de madeira. E também se reconhece o legado de Fröbel na forma da construção dos blocos de madeira para as crianças – do qual a caixa de prendas é a precursora.

Mas talvez a aplicação das formas universais traga à mente alguma coisa mais: isto é, os corpos platónicos, os cinco poliedros regulares de Platão, dos quais o cubo é também uma parte. Tal como Fröbel, Platão relacionou os cinco poliedros regulares com os elementos cósmicos, nomeadamente os cinco blocos de construção do mundo: o éter, o fogo, o ar, a água e a terra. Platão também considerou a esfera como sendo a forma ideal. Mas se nós olharmos para a universalidade das ideias de Fröbel, ele não se cola simplesmente a Platão.

### **A sabedoria eterna da Teosofia**

Para aqueles que estão muito familiarizados com a Teosofia e particularmente com os ensinamentos do Rāja-Yoga, tal como foram praticados por Katherine Tingley em Point Loma, não terá escapado ao seu conhecimento quão semelhante é a isto a filosofia de Fröbel. Tal como o Rāja-Yoga, Fröbel centra-se no desenvolvimento do ser interior, a essência divina que deve ser “exteriorizada”. E, tal como Tingley, Fröbel enfatiza aqui a importância de desenvolver a poderosa vontade espiritual e uma harmoniosa atmosfera na família. Outro elemento que desempenha um papel importante em ambos é o cultivo da auto disciplina e um sentido de responsabilidade através da cooperação.

Em primeiro lugar, isto deve parecer surpreendente, considerando que Fröbel proclamou as suas perspectivas

mesmo antes do impulso de 1875, quando a Sociedade Teosófica foi fundada. Mas não é assim tão surpreendente quando se toma em linha de conta que Blavatsky era “meramente” uma mensageira da Teosofia, a eterna Sabedoria Universal, que tem sido periodicamente dispensada desde tempos imemoriais pelos Grandes Mestres, os progenitores da Humanidade. A Sabedoria eterna, que é uma inexaurível fonte de inspiração, que tem sido desenhada desde sempre por todos aqueles que se acham aptos para a receber.

Qualquer pessoa que mergulha na história com uma “perspectiva correcta” descobrirá incontáveis pensadores iluminados, inspirados, que assumem a fundamental unidade espiritual da natureza. Consideremos, por exemplo, Kepler (1571-1630) e Newton (1642-1727) que defenderam a existência de um Universo vivo e organizado e que por seu turno reviveram a sabedoria universal dos Antigos Gregos. Kepler fez isto relacionando os corpos platónicos com a estrutura do sistema solar.

Outro exemplo, mais perto de nós, é o do filósofo Espinoza (1632-1677), que estava convicto do infinito e de um universo baseado na ética, no qual dominam as leis de causa e efeito (karma), às quais nós, seres humanos, estamos sujeitos. Ou o contemporâneo filósofo e companheiro Leibnitz (1646-1716) que reintroduziu o conceito de mónada dos antigos gregos, e que H.P. Blavatsky adoptou mais tarde no seu livro *A Doutrina Secreta* para descrever a noção do centro imperecível da consciência que cada ser vivo essencialmente é. E os transcendentalistas Emerson e Thoreau, que enfatizaram o relacionamento do homem e do universo, assumindo a natural natureza divina do homem e da natureza e aspiram a uma sociedade ideal na qual todos os seres humanos são pensadores independentes.

#### **Excerto do prefácio de “Na educação do homem”, no qual W.T. Harris apresenta a visão de Fröbel dos dois “eus” em cada criança: o seu “eu” mais “baixo” e o seu “Eu” mais “elevado”, a natureza divina.**

“Há, porém, dois “eus” na criança: um é peculiar, arbitrário, caprichoso, diferente de todos os outros e hostil a eles, e é fundado num egoísmo de vistas curtas; o outro “eu” é a razão, comum a toda a humanidade, não egoísta e universal, alimentando-se da verdade, da beleza e da santidade.

Ambos estes “eus” são postos em jogo. Há a revelação do mal tanto como do bem. De acordo com Fröbel, tenta-se organizar um sistema de educação que desenvolverá o “eu” racional e domine o irracional. Ele deseja cultivar a solidariedade e suprimir o egoísmo. Isto deverá ser feito, se for feito, pelo próprio aluno. Se ele não aprisiona o demónio que está dentro dele, a restrição externa fá-lo-á, mas ao mesmo tempo coloca cadeias no ser humano que permitiu que o seu demónio se soltasse. A auto conquista é a única base da verdadeira liberdade.<sup>(6)</sup>



Uma âncora ética e moral acoplada ao pensamento independente é um claro denominador comum entre todos estes grandes pensadores. O mesmo se diga dos filósofos alemães Fichte e Schelling – cofundadores do idealismo alemão – que por seu turno serviram de inspiração a Fröbel. Na verdade, foram as ideias universais destes dois filósofos, junto com os escritos de Novalis, que serviram de base a Fröbel para adquirir as suas primeiras concepções acerca da essência divina da natureza.

Em aditamento, o filósofo e filantropo suíço Pestalozzi foi outra fonte de inspiração para Fröbel, em especial no que respeita à sua teoria da esfera globular. Pestalozzi também abordou valores universais, tal como o seu objetivo educacional de implementar condições de vida às “classes mais baixas”. Mais tarde, o filósofo Karl Popper sublinhou a importância da ideia educativa de Pestalozzi de “Selbstbefreiung durch das Wissen” (auto-libertação através do conhecimento) na Suíça, na sua luta contra a pobreza e injustiça social. Apesar da sua preocupação inabalável com as crianças desfavorecidas, ele desempenhou também um papel notável na pedagogia social.

Aqueles que procuram isso descobrirão um fio comum

na história dos pensadores iluminados, alguns maiores do que outros. Cada um deles trouxe e foi capaz de trazer um pouco da sabedoria universal, porque – inteiramente de acordo com o princípio de Fröbel – eles desenvolveram neles próprios aquelas características universais, que os tornaram capazes de receber e transmitir essa sabedoria.

### **A influência de Fröbel nos dias de hoje**

O que resta hoje do inspirador pensamento de Fröbel? Resta mais do que apenas a criação da palavra jardim de infância? Felizmente, o legado de Fröbel não se limitou apenas a isso. É amplamente reconhecido que ele deixou os pilares para a pedagogia moderna com as suas ideias. E ainda hoje, apesar de terem sido proibidas durante a segunda guerra mundial, ainda há as assim chamadas escolas de Fröbel, onde as crianças são educadas de acordo com os mesmos princípios.

Mas também no campo da educação de adultos Fröbel deixou uma valiosa contribuição. Ao longo da sua vida, ele próprio continuou a desenvolver-se para tornar adequado o seu trabalho como educador mediante o estudo. Entre outros temas, ele estudou disciplinas filosóficas,

antropologia, fisiologia, ética e teoria pedagógica, de forma a poder usá-las no seu ensino. A isto foi mais tarde acrescentado o estudo das línguas orientais, química, física e matemática.<sup>(7)</sup>

Em 1892 isto conduziu à inauguração do Colégio de Fröbel, localizado em Londres, que, ainda hoje, faz parte da Universidade de Roehampton, como um centro de investigação didáctica. Aqui, os professores continuam a ser treinados de acordo com a filosofia que tem sido ensinada desde a sua fundação em 1892, e podia ser chamada bastante radical para a época. Na verdade, segundo Fröbel, a educação para adultos também tinha que ser um processo criativo e dinâmico. No qual todos os aspectos do ser humano têm de ser desenvolvidos em conjunto e em harmonia. Isto é, social, moral, espiritual e científica. Fröbel não era, portanto, o homem “meritório” dos jardins de infância. Vamos esperar que as suas ideias possam ainda inspirar muita gente.

## Referências

---

1. Fonte: citações de Friedrich Fröbel <https://www.Fröbelweb.org/web7001.html>.
  2. F.W.A. Fröbel, *Die Menschenerziehung (A Educação do homem)*, 1826 pág. 2, fonte [https://www.Fröbelweb.de/images/pdf/ME.\\_www.pdf](https://www.Fröbelweb.de/images/pdf/ME._www.pdf).
  3. Ver ref. 2 pág. 3.
  4. Ver ref. 2
  5. Fonte: [https://nl.frwiki.wiki/wiki/Friedrich\\_Fröbel#Théorie\\_de\\_la\\_sphère](https://nl.frwiki.wiki/wiki/Friedrich_Fröbel#Théorie_de_la_sphère).
  6. Friedrich Fröbel, *The education of man. [A educação do homem]*, New York, Appleton, 1890, Editors preface, p. vi. Fonte: <https://archive.org/details/educationofman00f/page/n11/mode/2up?ref=olview=theater>.
  7. Ver ref. 5.
-

# Perguntas & Respostas

## A historicidade dos Mestres de Sabedoria, os nossos Mestres Interiores e como encontrar o seu Mestre

A Teosofia afirma que nunca se deve aceitar nada com uma fé cega. Então porque é que devíamos aceitar a existência dos Mestres de Sabedoria e Compaixão, se não há evidência histórica deles?

### Resposta

É muitas vezes difícil para nós determinar com certeza se uma personagem histórica existia ou não. Para citar um exemplo da literatura: não é conhecido nem um simples facto sobre o personagem Shakespeare. Por consequência, há historiadores que afirmam que ele nunca existiu. Nós temos, evidentemente, obras e sonetos que lhe são atribuídos. Ninguém, por exemplo, pode duvidar da existência do *Hamlet* ou de *A Tempestade*, mas se o seu autor se chamava na verdade William Shakespeare ou não, isso não sabemos.

Semelhantemente, há outros incontáveis “personagens históricos” acerca dos quais sabemos muito pouco e acerca dos quais se pode legitimamente perguntar se ele alguma vez existiu ou se surgiram da imaginação popular. Citemos Guilherme Tell, da Suíça, Robin dos Bosques da Inglaterra, Tjil Uilenspiegel da Flândres e Alemanha e muitos outros.

### Recolha cuidadosa de todas as evidências necessárias

Também temos pouco ou nenhum dado biográfico acerca de muitos santos. Acerca de Jesus não há muitas fontes históricas. E a primeira biografia de Maomé, o Profeta do Islão, aparece mais de cem anos depois da sua morte. Segundo alguns críticos académicos ocidentais, Maomé nunca existiu. A propósito, em nossa opinião, isto em nada diminui os ensinamentos atribuídos a estes dois sábios. Não podemos atribuir mais veracidade ao *Sermão da Montanha* se viermos a saber que ele tinha sido proferido por uma pessoa chamada Jesus e o Corão não se tornava melhor ou pior se tivéssemos a certeza de que os seus versículos foram com efeito revelações a Maomé.

É difícil para nós estabelecer a historicidade ou a virtualidade de todas as pessoas do passado. Mas isto é verdade para uma quantidade de factos. Se nunca tivermos estado no Polo Norte, a sua existência é falada de uma forma estritamente hipotética. Mas porque confiamos nas pessoas que lá têm estado, e porque a sua existência cabe na nossa visão geográfica da terra e das suas zonas climáticas, temos de assumir que ele existe. O mesmo é verdade quanto à historicidade tendo em atenção pessoas do passado. O que é que nós sabemos pessoalmente sobre o “Pai holandês da Pátria”, Guilherme de Orange? O que é que sabemos sobre Tiradentes, o combatente da liberdade que queria separar o Brasil de Portugal? Será que Colombo descobriu realmente a América? Foram os

Vikings ladrões ou comerciantes? Devemos confiar nos historiadores que estudaram as fontes existentes. Se nós queremos melhorar a nossa visão, deveríamos estudar diversas fontes. Por exemplo, as descrições ocidentais de Alexandre, o Grande, são bastante diferentes das dos escritores persas. Devemos comparar os dados com o nosso conhecimento geral e tirar cuidadosamente as nossas conclusões a partir daí.

### Será que os grandes Mestres existem?

Voltando agora para os grandes mestres espirituais: para alguns, a historicidade é indiscutível, como Gautama Buddha e Platão. Noutros casos é duvidoso, como no caso de Jesus. Pensamos que cada pessoa deve decidir por si própria se há prova suficiente para afirmar que estes Mestres andaram realmente sobre a terra. Por exemplo, leia-se o que H.P. Blavatsky diz acerca da figura de Jesus. Depois de definir que as histórias dos Evangelhos são alegorias, escreve ela:

A lenda de que eu falo é fundada, como demonstrei vezes sem conta nos meus escritos e nas minhas anotações, na existência de um personagem chamado Jehoshua (do qual derivou a pessoa Jesus), nascido em Lud ou Lydda há cerca de 120 anos antes da era moderna. E se este facto é negado – a que eu mal me posso opor – uma pessoa tem de se resignar ela própria a olhar para o drama do Calvário pura e simplesmente como um mito.<sup>(1)</sup>

A partir deste curto texto pode-se ver que, na Filosofia Esotérica, que tem outras fontes além das usuais, a existência de Jesus não pode ser posta em causa, mas não oporíamos nenhuma objecção se alguém negasse a sua historicidade. Isto é igualmente verdade para qualquer mestre espiritual, incluindo aqueles que foram tornados conhecidos por Blavatsky. Qualquer pessoa pode estudar a Teosofia sem assumir as vidas factuais dos grandes Mestres espirituais. Uma pessoa pode mesmo negar a sua existência e ainda experienciar os seus ensinamentos como verdadeiros. Apesar disso, porque a sua presença é de uma evidência amplamente circunstancial, seria mais óbvio reconhecer que eles, na verdade, viveram e estão vivos. Mas a “prova” para isto apenas pode ser obtida para cada pessoa por ela própria, pela sua própria maneira de pensar.

### Evidência da existência real dos Mestres de Sabedoria

Com relação aos Mahätmas ou Mestres da Sabedoria e da Compaixão, como são chamados, tem havido controvérsia sobre sua existência há já muitos anos. Há pessoas que, sem comprovar nenhuma evidência, acreditam que Helena Blavatsky os teria inventado. Nós assumimos que eles existem. No entanto, não afirmamos isto baseados numa fé cega, mas a partir de determinados factos comprováveis por qualquer pessoa. Em primeiro lugar, a sua existência é consistente com o ensinamento difundido de que há um grupo de seres humanos que estão muito além dos seus companheiros em sabedoria e compaixão e que são conhecidos como ajudantes e protectores da humanidade. Se conduzirmos um estudo das diferentes civilizações, concluiremos que esta “crença”

sempre esteve lá. Por exemplo, os muçulmanos falam de *Aulijaa*, amigos de Alá. Os hindus falam dos *Rishis* ou *Mahätmas*, os Budistas falam de *Bodhisattvas*, na América Central falam de “serpentes emplumadas” (*Quetzalcoatl*), na Grécia de *Cristoi* ou *Hierofantes*, etc. Deste modo, a ideia de um grupo de seres humanos muito mais avançados sempre existiu. Para mais, pode-se experienciar por nós próprios que há uma estrutura hierárquica no Universo, incluindo entre os humanos. Além disso, dois destes grandes mestres escreveram um grande número de cartas. De alguns, não temos mais os originais, mas dezenas dessas cartas originais estão conservadas na Biblioteca Britânica, Euston Road, Londres. Aqueles que quiserem podem convencer-se de que eles estão realmente aqui. Peritos asseguraram que os manuscritos desses dois Mestres são autênticos. Há também cartas deles dirigidas a outras pessoas – com a mesma letra – conservadas nos arquivos da Sociedade Teosófica sita em Adyar, na Índia. Em aditamento, tem havido várias pessoas – nem sempre membros da Sociedade Teosófica – que têm encontrado um dos Mestres. Um livro recente de Daniel H. Caldwell, *A Casebook of Encounters with the Theosophical Mahatmas (Um livro de casos de Encontros com os Mahatmas Teosóficos)* descreve 58 casos de homens e mulheres que encontraram um Mahatma face a face e, em muitos casos, também falaram com eles. Finalmente, há os testemunhos de instrutores de Teosofia, tais como Helena Blavatsky, Coronel Olcott, Damodar, William Q. Judge, Katherine Tingley e Gottfried de Purucker, que não estão incluídos no livro de Caldwell. Em todo o caso, a existência

destes testemunhos não pode ser negada e, a menos que se acredite que todos eles faltaram à verdade, a existência dos Mahätmas é, pelo menos, uma teoria muito plausível. Há personagens históricos cuja existência não oferece dúvidas, e acerca dos quais pouco se sabe.

Em resumo, não podemos pensar que somos inconsistentes se pensamos que os nossos Mestres viveram ou ainda vivem. Há numerosos argumentos para apoiar isto. Apesar disso, nós enfatizamos que cada um deve determinar por si próprio. Nenhum teosofista jamais exigirá a outra pessoa para acreditar em alguma coisa, mesmo se ele próprio está convencido da verdade.

Em conclusão, desejamos sublinhar uma vez mais que a existência ou não existência destes Mestres não devia de forma nenhuma afectar a mensagem que eles proclamam. Teste-se os ensinamentos pelo seu valor intrínseco e não pela existência daquele que o proclama.

### Referência

1. H.P. Blavatsky, “Réponse aux fausses conceptions de M. L’Abbé Roca relatives à mes observations sur l’ésotérisme Chrétien.” Artigo in: *Le Lotus*, volume II, Abril 1888, p. 3-19. Em: H.P. Blavatsky, *Collected Writings, Volume IX*. Wheaton, The Theosophical Publishing House, 1986, p. 225-226.

### Pergunta

Na Teosofia, se ouve falar muito sobre os Mestres de Sabedoria e Compaixão, mas também sobre o “Mestre Interior”. São os dois o mesmo? Será que o conhecimento dos Mestres de Sabedoria e Compaixão é a sabedoria dentro de nós próprios?

### Resposta

Os Mestres de Sabedoria e Compaixão são seres humanos vivos. No entanto,

eles são seres humanos que estão vários degraus acima da média humana na escola da vida. Eles desenvolveram muito mais suas capacidades espirituais. Por consequência, eles possuem sabedoria e capacidades que o comum das pessoas mal pode imaginar.

Mas estas capacidades e esse conhecimento moram também dentro de nós, sim, em cada ser humano. Todo o ser humano possui na sua consciência, no seu mais profundo âmago espiritual, potencialidades ilimitadas. Cada ser humano tem uma parte mortal e outra imortal. A nossa parte imortal é o nosso Mestre interior. É espiritual na sua natureza e é a fonte de todos os nossos nobres impulsos, da nossa disposição humana, da nossa sabedoria, perspectivas mais profundas e da nossa consciência. Se nós nos focamos no nosso Mestre interior, ficaremos amplamente estimulados e inspirados.

A nossa consciência consiste em todas as lições espirituais e éticas que aprendemos nas nossas anteriores encarnações, como resultado das nossas experiências. Ela alerta-nos para quando queremos ir contra o nosso entendimento ético e é portanto muito importante, porque ela pode conservar-nos no melhor acompanhamento ético em todas as nossas escolhas diárias.

Reconstruímos a parte mortal em cada reencarnação, porque ela não é mais do que um instrumento de que nos servimos em cada encarnação. Se nos focarmos apenas na nossa parte mortal, então a condução interior da nossa parte imortal não pode conseguir a sua actividade diária, porque nós não estamos abertos para isso.

Os Mestres de Sabedoria exteriores

têm este título porque eles se desenvolveram eles próprios de tal maneira que estão constantemente conscientes da influência do seu Mestre interior e que podem expressá-lo mais ou menos de forma completa. Ora bem, a finalidade destes Mestres exteriores é estimular e inspirar os seus companheiros humanos de forma a que eles, por seu turno, descubram e dêem forma ao Mestre interior dentro deles próprios. Insistindo, um Mestre exterior apenas pode inspirar-nos se nós tivermos efectuado pelo menos algum contacto com o nosso Mestre interior. Só então, por exemplo, é que nós estamos capazes de extrair uma profunda inspiração e sabedoria dos livros de sabedoria dos Mestres da Humanidade.

A nossa tarefa é despertar o Mestre interior para a existência. Ele tem de nascer dentro de nós. Este é o apelo que se encontra em todas as religiões, como na Bíblia, onde S. Paulo diz que se deve trabalhar diligentemente por uma boa causa “até que Cristo seja formado em vós”.<sup>(1)</sup>

## Referência

1. *Gálatas*, 4:18-19. Ver também, por exemplo, *2 Coríntios* 13: 3-11 e *Romanos*, cap. 12-15.

## Pergunta

Como é que se pode saber se se está em contacto com um Mestre de Sabedoria e Compaixão?

## Resposta

O contacto de um Mestre de Sabedoria e Compaixão com os seus discípulos é um contacto o mais natural que há. É um contacto de Humano para Humano. Não é entre as pretensões populares, mas entre aquilo que eles realmente são.

Quando é que esse contacto se estabelece? Isso depende de nós. Quando tivermos desenvolvido dentro de nós próprios as características da “maestria” e nos tornarmos mestres em qualquer grau em toda a prática da vida, isso será do conhecimento dos Mestres de Sabedoria. Então já haverá contacto, conquanto nós usualmente não o saibamos. Podemos viver anos e anos, talvez mais do que uma vida, antes que consigamos que esse contacto se faça. Mas se nós continuarmos com fé na Via da Compaixão, haverá uma altura em que nós estaremos preparados para sermos conduzidos por um Mestre de Sabedoria e Compaixão. Então encontrá-lo-emos no mundo exterior. Nessa altura, saberemos que esse grande e nobre homem é o nosso Mestre espiritual exterior, porque “a sabedoria reconhece a sabedoria”. E porque sentimos a sua influência durante anos. Então reconheceremos o nosso Mestre como um conhecimento muito antigo e o melhor dos amigos. O nosso reconhecimento será familiar desde o princípio. Haverá poucos momentos na vida tão exaltados e abençoados como aqueles em que o discípulo encontra o seu Mestre pela primeira vez em corpo físico.

# International Theosophy Conferences



**Esta Conferência explorará os símbolos universais, o que eles são e o que significam.**

**A cada dia, uma palestra, um workshop e uma sessão plenária considerarão algum aspecto desses símbolos como a linguagem do Pensamento Divino.**

**Juntos, consideraremos o que é um símbolo, o homem como um símbolo da natureza e os símbolos como a preservação do Pensamento Divino, mantendo as verdades da Teosofia através dos tempos.**

**A conferência será realizada em inglês, espanhol e português.**

**Para consultar o programa completo, e para se inscrever, vá para: <https://www.theosophyconferences.org/index.php/portugues/>**

## Cólofon

### Editores:

Barend Voorham, Henk Bezemer,  
Rob Goor, Bianca Peeters, Erwin Bomas,  
Bouke van den Noort.

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74,  
2518 AV Haia, Países Baixos  
tel. +31 (0) 70 346 15 45  
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

### Mensagens do leitor:

A direção editorial reserva-se ao direito de fazer uma seleção e/ou de resumir as mensagens recebidas

### Subscrições:

Esta tradução para português foi feita a partir do 22.o número gratuito da versão inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz. Para subscrições: enviar mensagem para a sede editorial:

luciferred@stichtingisis.org.

O preço das nossas edições em papel custam €4,60 e €9,20 para uma edição dupla, excluindo portes.

Para pagamento pela internet – cartão de crédito (ver página de internet).

### Editora:

I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,  
De Ruijterstraat 72-74,  
2518 AV Haia, Países Baixos  
tel. +31 (0) 70 346 15 45,  
e-mail: luciferred@isis-foundation.org  
internet: www.blavatskyhouse.org

### © I.S.I.S. Foundation

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou tornada pública por qualquer forma ou meios: eletrônica, mecânica, por fotocópias, gravações, ou de outra forma, sem permissão anterior da Editora.

## Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês] é “Stichting International Study-centre for Independent Search for truth”. A sua sede é em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de Fraternidade Universal, através da disseminação do conhecimento sobre a estrutura espiritual do ser humano e do cosmos, livre de dogmas.

### A Fundação visa concretizar

este objetivo através de cursos, organizando palestras públicas, publicando livros, brochuras e outras publicações, e recorrendo a todos os recursos disponíveis com vista a este fim.

A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins lucrativos, reconhecido como o tal pela autoridade tributária dos Países Baixos. Para fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se chama de estatuto ANBI. ANBI significa Organização para o Benefício Geral (Algemeen Nut Beogende Instelling).

Os requisitos mais importantes para obter o estatuto ANBI são:

É uma organização sem fins lucrativos, portanto não tem rendimentos. Quaisquer lucros que resultem da venda de livros, devem ser totalmente utilizados para atividades gerais de beneficência. Para a Fundação I.S.I.S., isto significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto, objetivos e princípios para mais informação.)

Os membros da Direção devem preencher requisitos de integridade.

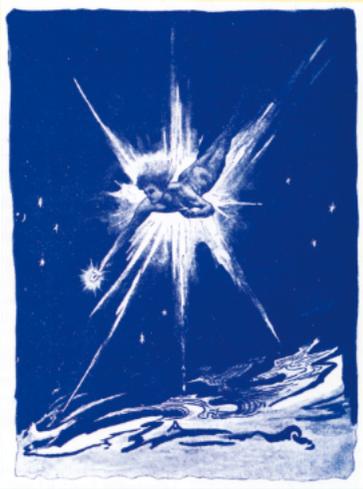
O ANBI deve ter uma propriedade separada, pelo que um diretor ou decisor não pode tomar decisões sobre esta propriedade como se fosse sua.

A remuneração dos membros da direção apenas pode consistir de um reembolso de despesas e assistência. O número ANBI da Fundação I.S.I.S. É o 50872.

## Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbítrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



## Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.

É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton ... Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).